

# **FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**

Diretoria de Pesquisas Sociais

Coordenação Geral de Estudos Econômicos e  
Populacionais

Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais

## **Juventudes, consumo cultural e políticas públicas: estudos de caso com jovens da Região Metropolitana do Recife**

Ana Lúcia Hazin Alencar  
Cleide de Fátima Galiza de Oliveira  
Patricia Bandeira de Melo  
Sueli Maria Pereira Guimarães

Relatório de Pesquisa

Recife, junho de 2013

# **FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**

Diretoria de Pesquisas Sociais

Coordenação Geral de Estudos Econômicos e  
Populacionais

Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais

## **Juventudes, consumo cultural e políticas públicas: estudos de caso com jovens da Região Metropolitana do Recife**

Ana Lúcia Hazin Alencar

Cleide de Fátima Galiza de Oliveira

Patricia Bandeira de Melo

Sueli Maria Pereira Guimarães

Relatório de Pesquisa

Recife, junho de 2013

**Fundação Joaquim Nabuco**

Presidente: Fernando Freire

**Diretoria de Pesquisas Sociais**

Diretor: Luis Henrique Romani de Campos

**Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais**

Coordenador: Morvan de Melo Moreira

**Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais**

Coordenador: Túlio Velho Barreto

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa **Juventudes, Consumo Cultural e Políticas Públicas** foi desenvolvida pelas pesquisadoras Ana Lúcia Hazin Alencar (coordenadora), Cleide de Fátima Galiza de Oliveira, Patrícia Bandeira de Melo e Sueli Maria Pereira Guimarães da Diretoria de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Este estudo resulta de um trabalho conjunto envolvendo a Coordenação Geral de Estudos Econômicos e Populacionais e a Coordenação Geral de Estudos Sociais e Culturais. Contou, também, com o apoio administrativo de setores da Fundaj.

O trabalho de campo realizado nos municípios do Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes no Estado de Pernambuco teve a colaboração fundamental dos jovens, gestores e oficinairos de Programas Governamentais Culturais aos quais agradecemos a valiosa participação e a disponibilidade no atendimento à equipe da pesquisa.

Nossos agradecimentos, também, às pessoas relacionadas abaixo que contribuíram para o bom andamento da pesquisa, seja através de levantamento de dados complementares, seja por meio da transcrição de depoimentos dos entrevistados ou ainda pela leitura do material produzido.

Magda de Caldas Neto (pesquisadora) - Revisão de texto

Armando Perez Palha (estagiário)

Camila Silva da Rocha (estagiária)

Marcelle Oliveira de Queiroz (estagiária)

Maria Emília Lyra da Silva (estagiária)

Maria Nazaré Duarte Caldas (digitadora)

Noêmia Ferreira Alves (estagiária)

## RESUMO

Este trabalho resulta de um estudo realizado por pesquisadoras da Fundação Joaquim Nabuco do Recife, que teve como objetivo geral identificar as políticas públicas culturais nas três esferas do governo: federal, estadual e municipal, direcionadas a jovens entre 15 e 29 anos de idade e sua repercussão na vida dos entrevistados. A escolha desse segmento populacional se deu, não só pelo que ele representa no conjunto da sociedade brasileira, mas, ainda, por seu potencial de transformação e capacidade de dar respostas aos investimentos feitos em sua formação. Elegeu-se o termo *juventudes* para denominar essa faixa etária, por representar melhor a pluralidade e diversidade de seus integrantes, que não podem ser pensados fora das condições objetivas de sua existência. Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se o método de estudo de caso. A seleção dos casos partiu de uma etapa anterior realizada em três cidades do Estado de Pernambuco. A pesquisa mostrou que a participação em programas culturais permitiu a inclusão social desses jovens. A partir daí surgem mudanças que se refletem no gosto e no estilo de vida; na sociabilidade; no desenvolvimento da autoestima, da responsabilidade e do sentimento de ser cidadão.

**Palavras-chave:** Jovens. Políticas. Cultura. Cidadania. Estilo de vida

## **Siglas e Abreviaturas**

CD – Disco Compacto

CNPDC - Comissão Nacional dos Pontos de Cultura

Conjuve - Conselho Nacional de Juventude

CPM - Conservatório Pernambucano de Música

CRAS - Centros de Referências de Assistência Social

DAC - Departamento de Assuntos Culturais

DJ - Disc. jockey pessoa responsável por selecionar as músicas em festas, muitas vezes acompanhadas da exibição de vídeos.

DVD - Disco Digital Versátil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

Embrafilme – Empresa Estatal Brasileira Produtora e Distribuidora de Filmes

FHC – Fernando Henrique Cardoso

Funarte - Fundação Nacional de Artes

Fundaj – Fundação Joaquim Nabuco

GT- Grupo de Trabalho

Ibase - Instituto Brasileiro de Análises Sociais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

MINC - Ministério da Cultura

OAF - Organização de Auxílio Fraternal

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONGs - Organizações não governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PAC - Programa de Ação Cultural

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PNJ - Política Nacional de Juventude

Polis - Instituto de Estudos e Assessoria em Políticas Públicas

PROAC – Programa de Animação Cultural

Projovem - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

RMR – Região Metropolitana de Recife

RPA – Região Política Administrativa

SNJ - Secretaria Nacional de Juventude

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

TV - Televisão

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	20
3.1 Consumo cultural e identidades	25
3.2 Consumo cultural e sociabilidade	30
4. AS POLÍTICAS CULTURAIS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE: interferências e perspectivas de mudança	37
4.1 Perfil dos casos estudados	37
4.2 Os programas sob a perspectiva dos gestores	46
4.3 Os programas sob a perspectiva dos jovens	51
4.3.1 A escola como locus de formação do gosto: o encantamento pela música	51
4.3.2 Da atividade ao consumo cultural: o papel do educador e a constituição de novos projetos de vida pelos jovens	56
4.4 Mudanças: visão de mundo e novas perspectivas de vida	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	88

## **1 INTRODUÇÃO**

O estudo tem como objetivo principal identificar os programas e ações culturais desenvolvidos pelo poder público nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal) para jovens do Recife, Jaboatão e Olinda, municípios integrantes da Região Metropolitana do Recife. Também se propõe a verificar a repercussão dessas políticas na vida dos seus beneficiários.

A escolha desse segmento populacional se deu pelo que ele representa no conjunto da sociedade brasileira, não só pela sua diversidade e criatividade, mas também pelo seu potencial de transformação e capacidade de dar respostas aos investimentos feitos na sua formação.

Sabe-se que as “categorias sociais são elaborações intelectuais [...]; o estabelecimento das características definidoras de uma categoria social qualquer depende sempre do arbítrio de quem a elabora, de acordo com algum fim teórico ou, o que é mais freqüente, de pesquisa” (VILA NOVA, 2004). Assim, diferentes são as faixas etárias abrangidas pela categoria juventude. Segundo classificação da Organização Mundial de Saúde, entende-se por jovens aqueles que se encontram na faixa etária dos 15 aos 24 anos. Para a UNESCO, a juventude é formada por indivíduos com idades compreendidas entre 15 e 21 anos. Já a Secretaria e o Conselho Nacional de Juventude trabalham com o recorte etário de 15 a 29 anos que é o mesmo adotado pelo Estatuto da Juventude aprovado no Senado Federal, no dia 16 de abril de 2013. Essa faixa mais ampla que vai até aos 29 anos de idade expressa, de certa forma, o fato de que nos dias atuais o jovem dedica um tempo maior à formação escolar, o que o leva a uma relativa situação de dependência da família.

O termo juventude é uma categoria em permanente construção social. No decorrer do processo histórico grupos etários se redimensionaram, ora por conta do contexto socioeconômico, ora por questões culturais. Ser jovem, no entanto, não é uma condição homogênea. A estrutura socioeconômica, familiar, cultural interfere nas várias faces representadas por esse segmento: são as chamadas juventudes plurais.

Para Bourdieu (1978, p.2),

a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente.

Peralva (1997) coloca que as idades da vida não são apenas fenômeno natural/biológico, mas também uma construção histórica e social. Porém,

em certo sentido, a juventude é um momento do tempo suspenso, ou seja, um adiantamento da vida verdadeira, que é a vida adulta, mas, ao mesmo tempo, é quando se vivenciam de forma especial os laços sociais e afetivos e se desenvolvem elementos da própria personalidade e da autoexpressão (BARBOSA; ARAÚJO, 2009, p.229).

O recorte utilizado na pesquisa recai sobre o grupo etário entre 15 e 29 anos por contemplar uma discussão mais recente e se constituir na categoria integrante do Conselho Nacional da Juventude, órgão consultivo que tem por função assessorar o governo federal na formulação de diretrizes da ação governamental, voltadas para as políticas públicas da juventude.

A justificativa se expressa na condição objetiva atual em que esse grupo etário está inserido. O segmento contemporâneo juvenil adquiriu um período etário mais amplo em virtude das mutações sociais. Hoje, o jovem tem uma permanência maior na casa dos pais por conta da estrutura econômica e da baixa empregabilidade. Também se percebe um crescimento dos anos de escolaridade percorridos, configurando-se, assim, o prolongamento de dependência econômica da família.

Remonta a meados da década de 60, do século XX, a preocupação em se estabelecer programas e diretrizes para a população jovem com a **Declaração sobre o Fomento entre a Juventude dos Ideais de Paz, Respeito Mútuo e Compreensão entre os Povos**, em 1965 e, mais tarde, em 1985, com a declaração do **Ano Internacional da Juventude**, ambos instituídos pela Organização das Nações Unidas - ONU (SILVA; ANDRADE, 2009).

A criação do ano dedicado à juventude impulsionou programas e ações na América Latina, porém, no Brasil, não surtiu o mesmo efeito. Nessa época, o país estava focado na infância e na adolescência, surgindo em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, conquista da sociedade civil organizada, através dos movimentos sociais que

eclodiram no país nos finais da década de 70 e nos anos 80. Nessa ocasião as políticas oficiais direcionadas à população infanto-juvenil eram consideradas insatisfatórias e insuficientes (OLIVEIRA, 2001).

Com a promulgação do ECA ficou estabelecido o recorte etário de no máximo 18 anos incompletos para o atendimento nas esferas governamentais. Apesar de ser estendido a todos os brasileiros dessa faixa de idade, sabe-se que o público prioritário era o situado no grupo de vulnerabilidade social. Só a partir de 2004, começa-se a discutir a inserção da juventude além das situações de risco e da nova faixa etária proposta. Nessa época, de modo geral, esse segmento, está associado à vulnerabilidade e violência. As ações para os jovens são relacionadas às questões de conflito com a lei, insegurança, risco e pobreza. Para Sposito;Silva;Souza (2006,p.242),

As políticas de juventude no país não nascem a partir da constituição de um espaço de visibilidade da condição juvenil moderna, incluindo sua diversidade e uma concepção ampliada de direitos [...] mas como um aspecto da questão social. Por essas razões, a inserção das ações de forma predominante no âmbito dos organismos da assistência traduz carência que dificulta, no entanto, a alteração de imagens que condensam estereótipos negativos em relação aos adolescentes pobres.

Várias instâncias foram criadas e medidas tomadas, entre elas os **Projetos de Lei** nº 4530/2004 versando sobre o **Plano Nacional de Juventude** e o de nº 4529/2007 propondo o **Estatuto de Direitos da Juventude** (SILVA; ANDRADE, 2009).

A concepção de atendimento à juventude se amplia com a Proposta de Emenda Constitucional nº 138/2003, aprovada em novembro de 2008, que assegura ao jovem entre 15 e 29 anos prioridade em direitos como saúde, alimentação, educação, lazer, profissionalização e cultura, direitos constitucionais já garantidos a crianças, adolescentes e idosos (SILVA; ANDRADE, 2009, p.50).

Nessa proposta observa-se que o atendimento vai além das ações direcionadas unicamente à formação profissional como meio de inserção no mercado de trabalho. O direito à cultura e lazer, entre outros, aparece como garantia constitucional para o jovem.

Em pesquisa realizada no ano de 2006, pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais – Ibase e pelo Instituto de Estudos e Assessoria em Políticas Públicas – Polis, sobre

políticas públicas para a juventude, grupos de jovens, analisados pelo estudo, apontam para a necessidade de atividades culturais e de lazer e destacam as dificuldades existentes para o acesso a esses direitos:

alto custo dos eventos culturais; inexistência de investimentos governamentais; falta de segurança nos locais de eventos e lazer; necessidade de descentralizar os equipamentos e eventos culturais distribuindo-os em diferentes bairros. (ALENCAR; OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2010, p.5).

Em que pese a necessidade de programas culturais, a história de políticas públicas para o jovem é recente no Brasil. Só a partir de 2006 é que foi criado um arcabouço institucional formado pela Secretaria e Conselho Nacional de Juventude e pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens para implementar essas políticas. Dois anos depois, foi realizada a I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude, momento em que se afirmou junto aos governos estaduais e municipais a importância de se incluir, em suas agendas, espaços para a questão juvenil (SILVA; ANDRADE, 2009). Em dezembro de 2011 realizou-se em Brasília a II Conferência Nacional de Juventude, quando foram discutidas políticas públicas para os jovens.

Na instância federal dezessete programas estão voltados para a juventude, atuando em sete eixos, assim distribuídos: eixo 1 – Elevação da escolaridade, qualificação profissional e cidadania; eixo 2 – Educação: ensino médio e superior; eixo 3 – Financiamento e crédito rural; eixo 4 – Cultura, esporte e lazer; eixo 5 – Meio ambiente; eixo 6 – Saúde; eixo 7 – Segurança Pública. No segmento dedicado à participação de jovens em atividades esportivas, culturais e de lazer encontram-se os Programas Bolsa Atleta, Escola Aberta, Pontos de Cultura e Segundo Tempo (SILVA; ANDRADE, 2009).

Dentre esses programas estão os Pontos de Cultura que lidam diretamente com a arte e foram criados para valorizar a produção cultural excluída, incentivando iniciativas locais. “São unidades de produção, recepção e disseminação culturais em comunidades que se encontram à margem dos circuitos culturais e artísticos culturais e artísticos convencionais” (BARBOSA; ARAÚJO, 2009, p.226).

Não é de hoje a intervenção do Estado nas ações ligadas à cultura, sobretudo nos países mais desenvolvidos. Pode-se remontar ao século XX e ali encontrar uma forte atuação

do Poder Público nesse setor, tendo como base, sobretudo, a partir dos anos 60, o paradigma do Estado do Bem-Estar Social.

Dentre os inúmeros argumentos utilizados para defender “o apoio público às artes e à cultura destaca-se o de que os produtos da atividade artística e cultural constituem aquilo que a economia chama de bens meritórios (merit goods)” (HENRIQUES, 2002, p.64).

Isso quer dizer que se trata de bens que trazem “benefícios aos indivíduos, superiores aos que estes são capazes de reconhecer, uma vez que, para além da utilidade que decorre do bem-estar que proporcionam, teriam ainda virtudes em termos da própria formação e valorização pessoal [...]” (*ibid*, p. 64- 65). Caberia assim ao Estado promover mecanismos de difusão e acesso a bens como a cultura e as atividades a ela relacionadas, uma vez que por suas características seriam enquadradas no conceito de bem público.

Além desses argumentos de ordem econômica devem ser citados os de caráter político e ideológico que têm a ver com o projeto do Estado Nação ainda do século XIX: nesse contexto “compete ao Estado proteger a cultura como forma de salvaguarda da própria identidade nacional” (HENRIQUES, 2002, p.66). O Estado continuou a ter um papel determinante na criação de equipamentos, mas passou a ter uma maior atuação na educação artística e na produção cultural, financiando companhias de teatro, de ópera e bailado, orquestra, conservatório etc.

É ainda na era industrial que o Estado assume múltiplas dimensões de proteção ao indivíduo. A escola se torna obrigatória e universal, e a “cristalização social das idades da vida se especifica como elemento da consciência moderna” (PERALVA, 1997, p. 16). Nesse contexto, o novo é ameaçado e tanto a criança quanto o jovem precisam obedecer às normas.

No Brasil, a instauração de políticas governamentais destinadas à cultura teve um impulso maior nos anos 30 do século XX com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), idealizado por Mario de Andrade, constituindo-se importante marco na intervenção governamental no campo da cultura.

No governo militar algumas ações importantes foram realizadas, como a criação da Embrafilme em 1969, do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) em 1972 e do Programa de Ação Cultural (PAC) em 1973. Em 1975 foi criada a Funarte - momento em que a questão cultural recuperou a centralidade existente no passado e preparou a fundação do Ministério da Cultura, em 1985, no Governo Sarney, cuja organização ficou a cargo do economista Celso Furtado (ARRUDA, 2003).

Com o Presidente Fernando Collor de Mello o Ministério foi relegado à posição de Secretaria da Cultura, voltando novamente a ser Ministério em 1992 no Governo de Itamar Franco. De acordo com Arruda (2003, p.12) foi no Governo de Fernando Henrique Cardoso que o “Ministério da Cultura concentrou sua política no incentivo à captação de recursos no mercado e na promoção de iniciativas ligadas ao chamado marketing cultural”. Tanto os produtos culturais quanto os organismos privados foram beneficiados pela lei de incentivo implementada.

A partir de 2004 iniciou-se no Brasil um amplo processo de diálogo, entre governo e movimentos sociais sobre a necessidade de instaurar uma política de juventude no país, uma vez que a vulnerabilidade desse segmento etário sempre esteve atrelada à questão social. Porém, segundo Sposito e Carrano (2003), a emergência das ações federais voltadas para a juventude teve início na segunda gestão do governo de Fernando Henrique Cardoso, sobretudo a partir de 1997, momento em que foi intensa a repercussão pública do assassinato do índio Galdino por jovens de classe média.

No início de 2005 foram criadas a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) - vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República, e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), de caráter consultivo. A Secretaria Nacional de Juventude, além do papel de integrar programas e ações em âmbito nacional, vem se constituindo em referência da população jovem no governo federal, tal como ocorre em vários estados e municípios do Brasil e em vários países que adotam políticas públicas voltadas para a juventude.

Na Conferencia Mundial sobre as Políticas Culturais, realizada no México, em 1982, foi colocada a importância da educação e cultura para o desenvolvimento social e nela se ressalta que é através da cultura que o homem se expressa e toma consciência de si mesmo.

Pela educação integral é dada a possibilidade da múltipla escolha, em que são colocadas à disposição dos estudantes opções que servirão de base para um futuro ancorado na oportunidade de vivenciar a diversidade. Entre os jovens das camadas populares essa condição é subtraída, ou seja, se não ocorrer no ambiente escolar, dificilmente será adquirida fora do sistema formal de ensino. O arcabouço de atividades complementares à formação escolar como o estudo da música, dança, artes plásticas, idiomas, atividades esportivas de modo geral, é limitado a um determinado grupo social em sociedades capitalistas em desenvolvimento.

Aos não-inseridos são reservadas as políticas públicas culturais que, de certo modo, vêm preencher a lacuna familiar no que diz respeito aos gastos/investimentos com elementos complementares, porém essenciais, para a formação do indivíduo. O acesso à cultura como necessidade básica e direito dos cidadãos é reconhecido pela UNESCO, porém de forma integrada com as políticas de desenvolvimento (ACESSO À CULTURA NO BRASIL, 2011).

A participação dos jovens em atividades culturais se configura como uma ação dual em que se mesclam o lazer e as oportunidades de escolhas, advindas do conteúdo oferecido, que ora se apresenta no seu aspecto lúdico e ao mesmo tempo realça talentos. Nesse sentido, o lazer aparece como um instrumento de promoção humana e progresso social, através de brincadeiras. “Jogar e brincar [...] são ações sociais que propiciam o desenvolvimento social e cognitivo” (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004, p.60).

Ao ser inserido em atividades antes desconhecidas, seja pela condição social ou pela negação dos direitos à educação integral, o jovem passa a ter um reconhecimento que, de forma decisiva, contribui para a elevação da autoestima e da construção de uma identidade fortalecida e ancorada em práticas culturais.

O acesso a ações culturais amplia a percepção e contribui para a construção de uma cidadania plural. É através das oportunidades que se realçam as vocações, ocasião em

que se manifestam interesses múltiplos, indo além do referencial até então vivenciado com limitações e exclusões<sup>1</sup>.

Em pesquisa de avaliação sobre iniciativas públicas voltadas para jovens, Sposito, Silva e Souza (2006) já identificaram o descaso com ações de entretenimento; os autores perceberam que a mesma imagem do adolescente que se encontra nas instituições de internação é transferida para o adolescente da periferia. Nega-se ao seu desenvolvimento as necessidades de lazer, cultura, esporte, participações etc. As ações de inserção social, as denominadas compensatórias, são mais contempladas.

A dificuldade de acesso ao lazer<sup>2</sup> e ao entretenimento, de forma mais geral, está em estrita dependência das condições socioeconômicas vivenciadas pela população. Entretanto, o lazer além de ser reconhecido como um direito na Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pelas Nações Unidas em 1948, é garantido também pela Constituição Brasileira. É, portanto, direito do cidadão e necessidade que todo indivíduo precisa satisfazer.

Para responder às indagações sobre a repercussão das políticas culturais na vida dos jovens foi abordada neste **primeiro capítulo** a trajetória de criação das políticas

---

<sup>1</sup> As desigualdades de acesso à cultura da população são ressaltadas pela UNESCO ao constatar que “a minoria dos brasileiros frequenta cinema uma vez no ano. Quase todos os brasileiros nunca frequentaram museus ou jamais frequentaram alguma exposição de arte. Mais de 70% dos brasileiros nunca assistiram a um espetáculo de dança, embora muitos saiam para dançar. Grande parte dos municípios não possui salas de cinema, teatro, museus e espaços culturais multiuso [...] o brasileiro praticamente não tem o hábito de leitura. A maioria dos livros estão concentrados nas mãos de muito poucos. O preço médio do livro de leitura é muito elevado quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E. Muitos municípios brasileiros não têm biblioteca, a maioria destes se localiza no Nordeste, e apenas dois no Sudeste” (ACESSO À CULTURA NO BRASIL, 2011).

<sup>2</sup> Lazer é também política. [...] Trata-se no fundo de uma questão de civilização [...] valorizar a essência do homem (SANTOS, M. 2000, p. 36).

públicas para a juventude; os procedimentos metodológicos como a escolha dos casos estudados e o trabalho de campo integram o **segundo**, enquanto o arcabouço teórico faz parte do **terceiro capítulo**; os programas culturais estudados e a interferência na vida dos jovens participantes são apresentados no **quarto capítulo** e, no **quinto** e último, as considerações finais são contempladas

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A área geográfica da pesquisa abrangeu a Região Metropolitana do Recife sendo contemplados os municípios do Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes, considerados os mais populosos da região (ver tabela a seguir).

População dos municípios do Recife, Jaboatão e Olinda (Pernambuco), por grupo etário.

Municípios	Grupo etário									
	0-14	%	<b>15 a 29</b>	%	30 a 59	%	60 e mais	%	Total	%
Recife	321.605	20.9	<b>406.620</b>	26.4	627.438	40.8	182.041	11.8	1.537.704	100.0
Jaboatão	153.835	23.9	<b>173.311</b>	26.9	259.190	40.2	58.284	9.0	644.620	100.0
Olinda	83.126	22.0	<b>96.801</b>	25.6	153.594	40.7	44.259	11.7	377.780	100.0

Fonte: IBGE, 2010. Tabulação especial

O estudo teve como objetivo geral identificar as políticas públicas culturais nas esferas federal, estadual e municipal direcionadas a jovens entre 15 e 29 anos de idade, conforme conceito definido no corpo teórico, e sua repercussão na vida dos entrevistados. Como objetivos específicos a pesquisa buscou:

- Conhecer o significado atribuído ao consumo cultural pelos jovens e sua possível ressignificação;
- Identificar como se dá o rebatimento do consumo cultural na formação e vivência da juventude nas áreas pesquisadas;

- Conhecer o papel e a importância da produção, do consumo cultural e do lazer nos processos de desenvolvimento e integração da juventude.

A pesquisa de campo ocorreu entre os anos de 2010 e 2012, em períodos alternados devido às dificuldades de operacionalização dos casos selecionados inicialmente. A princípio, a metodologia proposta, contemplava um número maior de casos. No entanto, mudanças na direção do país e na equipe ministerial provocaram discussões acerca de políticas culturais e formas de fomento para as centenas de projetos elaborados e executados por Pontos de Cultura sob a coordenação do Ministério da Cultura (MinC). Os Pontos fazem parte do Programa Governamental Cultura Viva disseminado em todo território nacional e, recentemente, tornaram-se objeto de uma pesquisa de avaliação em que foram detectados pontos de estrangulamentos tais como:

a falta de instrumentos jurídicos de gestão por parte do Estado, as dificuldades de monitoramento e avaliação contínua do programa, problemas com o fluxo financeiro de apoio aos projetos [...] e a baixa geração de renda para os integrantes dos Pontos de Cultura (PONTOS de Cultura, dezembro, 2011).

A apresentação desses resultados fez com que o MinC criasse um Grupo de Trabalho (GT) para iniciar o processo de aperfeiçoamento do Programa, considerado pelo presidente do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea)

um trabalho contemporâneo e uma das experiências de políticas culturais mais inovadoras de toda a América Latina, nos últimos tempos, porque potencializa o protagonismo cultural da sociedade e traz um novo regionalismo econômico para o país, liderado pelos estados do Norte e Centro-Oeste (*Ibidem*).

O Secretário Executivo do MinC reconhece a dificuldade orçamentária do Ministério para honrar os compromissos e ressalta:

temos uma decisão de priorizar os pagamentos aos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva, mas só podemos pagar aqueles que estiverem em situação legal (PONTOS de Cultura, fevereiro, 2011).

Essa problemática resultou na “Carta de Pirenópolis” apresentada pela Comissão Nacional dos Pontos de Cultura (CNPdC) em novembro de 2010. Nessa ocasião já se discutiam os entraves de operacionalização do Programa, como as questões burocráticas anunciadas na referida Carta exigindo

que o MinC disponibilize para a CNPDC a lista com a situação dos Pontos com pendências em prestação de contas, e juntos, busquemos contribuir com a regularização da situação desses Pontos. Para tanto, solicitamos a presença de técnicos do MinC nos estados, e nos casos necessários inicie processo de anistia fiscal e tributária para os Pontos aos quais a medida se faça necessária. Que o MinC assumira nas instâncias oficiais o compromisso de pagar os editais já aprovados em 2010 e dos Pontões de 2007 e 2009 e todos os editais do Programa Mais Cultura e Cultura Viva que já em andamentos se fizerem (COMISSÃO...,2011).

Segundo um gestor de Ponto de Cultura “trabalhar com convênio é complicado demais [...] uma das coisas que o governo deveria fazer que eu ainda não escutei na prática, é a qualificação de nossos pontos de cultura para essa prestação de contas”. Diante dessa dificuldade muitas organizações não receberam recursos provenientes do MinC e suspenderam suas atividades. Nesse sentido, alguns Pontos, antes relacionados para comporem o quadro de investigação deste estudo, foram excluídos da lista reduzindo, dessa maneira, o número de casos planejados inicialmente.

Para atender aos objetivos foram utilizadas abordagens mistas envolvendo pesquisa documental, bibliográfica e empírica. O método de estudo de caso foi o escolhido para levar a cabo as indagações sobre as políticas públicas culturais e suas interferências no comportamento social dos jovens. Foram selecionados programas nas instâncias federal, estadual e municipal a partir de um estudo exploratório em que visitas e observações se sucederam para que se efetivassem as escolhas, com base em um perfil pré-estabelecido, onde foram considerados os seguintes aspectos:

- Que a entidade/organização seja executora de programa cultural governamental;
- Que o programa tenha como público-alvo jovens entre 15 e 29 anos de idade;
- Que o programa/ação esteja em andamento no mínimo há um ano para que seja possível obter respostas dessa ação na vida dos participantes;

Assim, com estas características e com limitações por conta do exposto anteriormente, chegou-se à composição do quadro a seguir:

<b>PROGRAMA</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>MUNICÍPIO</b>
<b>Biblioteca Multicultural Nascedouro de Peixinhos</b>	<b>Contação de histórias, sessão de cinema, jogos educativos e rodas de leitura</b>	<b>Recife e Olinda</b>
<b>Animação Cultural</b>	<b>Linguagens artísticas (teatro, capoeira, percussão, dança, banda marcial, artes plásticas e outras) para jovens da rede municipal de ensino</b>	<b>Recife e Jaboatão dos Guararapes</b>
<b>Multicultural</b>	<b>Formação profissional de empreendedores culturais e formação de público através de oficinas em bairros do Recife</b>	<b>Recife</b>
<b>Orquestrando</b>	<b>Formar instrumentistas, futuros profissionais da música e inseri-los nas orquestras e no mercado de trabalho. Atua em três bairros carentes do Recife</b>	<b>Recife</b>
<b>Pequenos Concertos Jaguar</b>	<b>Aulas de teoria e música instrumental para crianças e jovens carentes da comunidade com o objetivo de resgatar a cidadania através do aprendizado da música popular</b>	<b>Jaboatão dos Guararapes</b>
<b>Projovem</b>	<b>Atividades culturais para jovens entre 15 e 17 anos visando fortalecer a convivência familiar, comunitária e escolar</b>	<b>Jaboatão dos Guararapes</b>

A opção pelo estudo de caso está em consonância com os objetivos da pesquisa na sua busca de compreender a interferência dos programas culturais na vida dos jovens. São fatos que requerem particularidades possíveis de serem conhecidas/percebidas através do uso de entrevistas e da observação. E o estudo de caso, segundo Yin *apud* Duarte (2005, p.234)

é em sua essência o método que contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais,

sociais ou políticos. É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos.

De cada caso selecionado foram entrevistados jovens de ambos os sexos (ver roteiro, anexo I). Buscou-se contemplar as formas de diversão e lazer, o perfil educacional e profissional dos entrevistados e dos responsáveis; também se deu ênfase ao modo como os jovens se inteiraram do programa e os principais motivos que os levaram a participar de suas atividades.

A forma de escolha desses jovens ocorreu por indicação dos gestores ou oficinairos baseada nos critérios já estabelecidos pela pesquisa, tais como: ser participante do programa; ter vivência, de no mínimo, um ano de suas atividades; ter idade entre 15 e 29 anos.

Também foram entrevistados gestores de órgãos públicos responsáveis pela execução dos programas e ainda os Secretários da Juventude, de Cultura, de Educação e técnicos ligados direta ou indiretamente à temática (ver roteiro, anexo II). Chegou-se a um total de, aproximadamente, noventa entrevistas entre todas as categorias da pesquisa.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

Neste item, desenvolvem-se algumas considerações teóricas explicitando conceitos que deram suporte e, de certa forma orientaram o entendimento e a análise das falas dos jovens, tais como: juventude, *habitus*, gosto, representação social, consumo cultural, identidade e sociabilidade.

A conceituação de juventude não é consensual, embora ela seja, em geral, entendida como um processo de transição para a vida adulta. Esse foi o sentido dado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura a essa categoria na Conferência Internacional sobre Juventude, em Grenoble, em 1964, ao afirmar que,

O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade: o final da juventude varia segundo os critérios e os pontos de vista que se adota para determinar se as pessoas são “jovens”. Por juventude entende-se não só uma fase da vida, mas também indivíduos que pertencem aos grupos de idade definidos como jovens (SALLAS & BEGA, 2006 p.47).

A transitoriedade própria da condição juvenil vai assumindo novas formas com o passar dos anos até chegar à vida adulta. Essa é uma questão a ser considerada uma vez que o pensamento e os comportamentos mudam para quem tem 15, 18, ou 29 anos.

Já Melucci (2001, p. 138) afirma que

a juventude não é uma condição inteiramente biológica, mas também cultural. Os indivíduos não são jovens porque (ou só porque) têm uma certa idade, mas porque seguem outros estilos de consumo ou códigos de comportamento [...].

Pode-se dizer, nesse sentido que cada sociedade demarca os critérios que identificam quando e como se é jovem. A juventude é também resultado dos processos de representação.

Nesta pesquisa, entende-se por jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos de idade. A categorização por faixa etária é um critério que permite agrupar os indivíduos com base nas fases da vida; ou seja, ela engloba pessoas que podem ser identificadas por características comuns, como a cultura juvenil, esta, inclusive, bem mais complexa.

Ainda que se conheçam as limitações do critério calcado na idade reafirma-se aqui sua importância na sociedade moderna que orienta, por exemplo, o acesso à escola e a uma série de direitos e deveres próprios da cidadania, como o ato de votar. A idade é um marcador identitário que posiciona as pessoas no mundo e “se inscreve como símbolo cultural que diferencia, agrupa, classifica e ordena as pessoas conforme marcas inscritas na cultura [...]” (GONZALES; GUARESCHI, 2008, p.470).

A condição biológica, entretanto, não é determinante: ela não gera uma categoria homogênea, principalmente quando se refere à juventude, que vive intensamente as contradições do tempo hodierno, submetendo-se aos impactos das inovações trazidas pela ciência e tecnologia enquanto vivencia, muitas vezes, a lentidão dos processos de mudança em sociedades marcadas pela desigualdade de acesso aos bens de toda ordem.

Autores como Bourdieu, chamam atenção para a necessidade de relacionar a idade biológica e a idade social na definição de juventude. O conceito de juventude reveste-se de conotações plurais, ao se considerar a sua composição, a situação de classe, o acesso à escolaridade, a família, a nacionalidade, que de certa forma orientam os valores dessas

peças. A definição de juventude é, portanto, ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação (PERALVA, 1997).

Verifica-se aqui uma concordância com as ideias de Pais (1990) quando se refere à existência de similaridades de comportamento entre jovens ou grupos de jovens, no que diz respeito a expectativas, aspirações, consumo cultural, sem deixar de ressaltar suas diferenças. Daí a denominação “juventudes” hoje amplamente utilizada pelos estudiosos da temática, uma vez que o termo representa melhor a pluralidade e diversidade dos seus integrantes, que não podem ser pensados fora das condições objetivas de sua existência.

A percepção que se tem da juventude, e que se dissemina no meio acadêmico, pelos resultados de pesquisas ou de artigos publicados em periódicos científicos próprios das diversas áreas do saber, expressa, de modo geral, a representação que dela faz a sociedade em determinado momento histórico. Por isso, a concepção de jovem vem mudando ao longo do tempo. Assim é que a Escola de Chicago (1920-1930) percebia a juventude como problema, fruto da desorganização social gerada pelo crescimento das grandes cidades que funcionavam como polos de atração para os migrantes. Como consequência, a pobreza se instalou naquelas áreas favorecendo, em certos casos, a chegada da violência e a ruptura de valores tradicionais dos grupos primários. Nesse contexto, a juventude se inseria como uma ameaça à ordem e à continuidade social.

Nos anos 1950 a juventude recebeu a pecha de “juventude transviada”, potencialmente delinquente e que por isso precisava de medidas educacionais para conter os arroubos próprios da geração, que compartilhava crenças, valores, símbolos e práticas, muitas vezes contrários aos vigentes na sociedade.

Na França, a crescente valorização de temas relacionados ao lazer dos jovens, ao sucesso dos seus ídolos e bandas a partir do início da década de 1960, mostrava o modo de ser da cultura juvenil. Para Abramo (1994) a juventude era percebida como uma categoria histórica que ao mesmo tempo em que buscava se integrar à sociedade de consumo procurava se diferenciar manifestando sua autonomia. Naquele período disseminava-se, com o auxílio da publicidade, a ideologia consumista que pode ser resumida na afirmação: consumir é ser moderno.

Nos anos 60, a americanização da publicidade brasileira tem um papel fundamental na difusão dos padrões de consumo moderno e dos novos estilos de vida. Destrói rapidamente o valor da vida sóbria e sem ostentação [...]. Numa sociedade em que as raízes da sociabilidade e da dominação estão encobertas por uma aparência de naturalidade – ou seja, cada um faz, tem ou deseja aquilo que permite a divisão do trabalho e os valores dominantes – o ‘realismo’ duplica a mistificação que a realidade já impõe (MELLO; NOVAIS, 1998, p.641-642).

Os anos 70 foram marcados por uma crise econômica mundial que teve também seus reflexos na vida dos jovens que passaram a ser vistos como vítimas do processo de globalização que se alastrava pelo mundo. Embora o Brasil tenha vivido um período áureo do seu crescimento, os reflexos da mundialização econômica também foram sentidos no Brasil.

Nas décadas de 1980 e 1990 o Brasil cresceu pouco e os jovens tiveram as oportunidades de trabalho muito reduzidas, tanto pela situação econômica do país quanto pelo fato de não possuírem as condições que o mercado exigia. Afinal de contas, para o jovem em período de formação, tanto hoje como outrora, restam ocupações que são muitas vezes as que apresentam maior precariedade, sobretudo, no que se refere à remuneração proposta.

Alguns estudos na psicologia, como o desenvolvido por Lapassade (1975), já demonstravam uma preocupação em envolver o jovem com ações educativas, uma vez que ele era percebido como um ser “inacabado”, que só estaria completo, de acordo com a concepção adultocentrista, ao chegar à idade adulta quando teria passado por um período de maturação (GONZALES; GUARESCHI, 2008).

Na sociologia a temática da juventude passa a estar ligada à moratória socioeconômica - tempo oferecido aos jovens pelas instituições sociais - em particular pela família, destinado à preparação para o exercício de uma profissão, e conseqüentemente, para a vida. De acordo com Rolshoven (2011) esse conceito foi pensado por Rousseau, formulado em termos científicos por Erikson, nos anos cinquenta, e integrado à sociologia da juventude na Alemanha por Zinnecker, pioneiro das ciências da educação.

A juventude passa então a ser percebida como “problema a ser resolvido”. No dizer de Novaes (2004, p.22),

Foi no final dos anos 1990 que se deu a emergência de ações voltadas ao atendimento dos jovens, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade social, risco ou transgressão. Não se podia, porém, falar ainda da existência de políticas de juventude até os primeiros anos do século XXI, momento em que diversos setores da sociedade iniciaram um amplo processo de diálogo com o governo sobre a necessidade de instaurar uma política de juventude no país.

Abad (2002) conseguiu sintetizar os diferentes enfoques que nortearam a evolução histórica das políticas de juventude na América Latina, delimitando os períodos e os modelos de políticas então vigentes, como citados por Sposito e Carrano (2003). Esses modelos contemplam a ampliação da educação e uso do tempo livre (entre 1950 e 1980); o controle social dos setores juvenis mobilizados (entre 1970 e 1985); o enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito (entre 1985 e 2000); e a inserção laboral de jovens excluídos no período mais recente.

Deve-se ressaltar que as diferentes temáticas que vão sendo discutidas pelos poderes públicos e sociedade civil ao longo dos anos, retratam a evolução histórica dos comportamentos juvenis que, por sua vez, refletem o processo de mudança social ocorrido nos últimos tempos.

As sociedades são cada vez mais multiculturais e plurais. O processo de globalização estendeu as sociedades e culturas para além das delimitações do espaço local que, com o desenvolvimento tecnológico e midiático passam a ser cada vez mais permeáveis aos fluxos externos, o que engendra uma maior miscigenação cultural (FEATHERSTONE, 2000). Também as formas de viver e de se comportar da juventude são diversas e estão em estreita relação com a cultura, que “não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica” (AGGER, 1992, *apud* ESCOSTEGUY, 2033, p.63).

Diante dessa realidade, como a juventude pode ter acesso à produção cultural, seja como espectador ou como integrante de grupos e ações culturais?

Uma das possibilidades plausível é a presença do Estado, atuando na promoção de políticas, programas ou ações de cultura e lazer voltadas para a juventude. O que se verifica, é que o governo brasileiro demorou bastante para se debruçar sobre essa problemática. Outros países da América Latina, por exemplo, precederam o Brasil nas discussões para a elaboração e implantação de uma política de juventude. Entretanto,

vários avanços foram registrados a partir de 2005, com a criação do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Também é deste período a instituição da Política Nacional de Juventude (PNJ). Em 2008 foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Juventude com a participação de 402.100 pessoas, sobretudo jovens, que emitiram suas opiniões em várias etapas do processo. Essa Conferência terminou com a aprovação de 70 resoluções das quais foram estabelecidas as 22 prioridades da Política Nacional de Juventude. Dentre elas destaca-se aqui a de nº 17 que proclama:

O estabelecimento de políticas culturais permanentes direcionadas à juventude, tendo ética, estética e economia como pilares, em gestão compartilhada com a sociedade civil, a exemplo dos Pontos de Cultura, que possibilitem o acesso a recursos de maneira desburocratizada, levando em consideração a diversidade cultural de cada região e o diálogo intergeracional. Criação de um mecanismo específico de apoio e incentivo financeiro aos jovens (bolsas) para formação e capacitação como artistas, animadores e agentes culturais multiplicadores (PEC DA JUVENTUDE, 2009, p.14).

Em 2010 o Brasil passou a integrar a Organização Ibero-americana de Juventude composta por Portugal, Espanha e os países da América Latina.

### **3.1 Consumo cultural e identidade**

A cultura é um tema recorrente nas ciências sociais, uma vez que ela orienta e faz parte da vida do homem em sociedade. A definição mais antiga e mais referenciada de cultura é aquela elaborada por Tylor em 1871 (*apud* CHOMBART DE LAUWE, 1970, p.17): “a cultura é um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade”. Para que o ser humano aprenda a viver em sociedade, aprendendo a relacionar-se, é necessário que assimile as normas, os valores e as crenças que permeiam o ambiente social em que vive. Tal aprendizagem se dá no processo de socialização, que começa na vivência em família, continua na escola, estendendo-se por todas as fases da vida.

Para Bourdieu “a cultura é espaço de reprodução social e organização das diferenças” (CANCLINI, 2007, p.46). Nessa mesma linha de raciocínio, estão os estudos de Douglas e Isherwood (1980) e Appadurai (1986). O conceito de *habitus* elaborado por

Bourdieu pode ser entendido como maneira ou disposição que o corpo interioriza e assume, e que se expressa na maneira de ser. As condutas ou posturas que os agentes assumem diante das diversas situações em que se encontram não precisam ser explicadas, a cada momento, porque foram interiorizadas e são exteriorizadas nas práticas. Isso faz com que se tenha a impressão de que as ações decorrem, necessariamente, de uma estratégia consciente e que por isso, elas se ajustam e têm maiores chances de dar certo.

Pode-se, portanto, dizer que o *habitus*, enquanto sistema de disposições duradouras faz parte do processo de socialização; isso porque, enquanto “estrutura estruturada”, o *habitus* é um produto social (ACCARDO, 1991, p.88, *apud* INDA, 2001, p.26), uma vez que o conjunto de disposições para agir, pensar e perceber, não é inato, mas adquirido socialmente segundo a posição que os agentes ocupam no sistema, sendo produto da trajetória social dos indivíduos. É, por conseguinte, o produto das estruturas do entorno físico e afetivo, da família e da escola, das condições materiais de existência e de classe (estruturas estruturadas).

O fato de o *habitus* ser produto tanto da experiência passada quanto da aquisição de novas experiências é indicativo de que, como diz Accardo, (*apud* INDA, 2001, p.30), “o *habitus* é uma estrutura interna permanentemente em vias de reestruturação”. Isso pode ser percebido no depoimento de jovens excluídos socialmente que participam de programas governamentais e que demonstram mudanças de gostos e estilos de vida após contato com o novo.

Canclini (2007, p.41) elabora uma definição de cultura que sintetiza as idéias de alguns estudiosos como Bourdieu ao afirmar “que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social [...]”, o que gera certa dificuldade em se tratar da temática, “uma vez que a cultura se produz, circula e se consome na história social” (*idem*). O que significa dizer que “um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações culturais” (CANCLINI, 2007, p. 41- 42) e que as pessoas aprendem a ser interculturais através das relações estabelecidas.

Bourdieu denomina essa rede de relações de “capital social” e ressalta a relevância dos diversos tipos de capital que recebem as denominações de capital econômico, ligado à posse de riquezas; capital cultural decorrente da relação do indivíduo com a cultura erudita, a vida das artes e a cultura escolar. Qualquer um dentre os diversos tipos de capital pode se transformar em capital simbólico “na medida em que é representado, isto é, simbolicamente apreendido, em uma relação de conhecimento, ou para ser mais exato, de reconhecimento e desconhecimento” (BOURDIEU, 2001, p.136).

A teoria de Bourdieu, em especial o seu conceito de *habitus* é uma ferramenta útil para explicar como o espaço social age sobre os indivíduos na esfera cultural e nas formas de apropriação da cultura e da identidade, através do aspecto simbólico do consumo. O conceito de consumo cultural passa a tomar forma na década de 80 embora Bourdieu já houvesse se debruçado sobre o tema algumas décadas antes.

Para Mato (2008, p. 136)

toda modalidade de consumo é cultural, o que quer dizer que é simbolicamente significativa e contextualmente relativa. Toda modalidade de consumo responde a um sistema de representações compartilhado entre as pessoas de certos grupos sociais ou populações humanas, assim como, de maneira associada, constroem esse sentido comum, ou contribuem a questioná-lo e produzir outros alternativos.

O que pode dar ênfase ao caráter cultural de certas práticas de consumo, ou objetos, é o sentido dado por quem os consome e a forma de com eles se relacionar. Importante é ressaltar que ao se transformarem em capital cultural essas práticas passam a dar legitimidade aos jovens dentro do próprio grupo, sendo também instrumentos de reconhecimento.

É a identidade que estrutura o modo de ser do indivíduo, a forma de olhar o mundo e se relacionar com os outros na sociedade. Desde a mais tenra infância, a criança aprende o modo de ser menino ou menina, de acordo com os valores e costumes da cultura local em que vive. À medida que o indivíduo vai se desenvolvendo, tanto biologicamente, quanto psicologicamente, ele vai recebendo a influência do conhecimento disseminado por diversas instituições (familiares, escolares, religiosas), assim como daquelas ligadas aos meios de comunicação que incentivam o consumo e o acesso aos bens simbólicos. Daí o crescimento e a difusão da diversidade de estilos de vida. A identidade é,

portanto, um produto da difusão da variedade de estilos de vida experimentados pelos jovens, uma vez que na sociedade moderna-industrial houve uma dessacralização dos fundamentos da identidade, que não é mais buscada no tempo mítico das origens ou na hereditariedade, mas sim na sociedade e no agir dos indivíduos (MELUCCI, 2004).

A identidade é um tema que perpassa toda a obra de Pierre Bourdieu ao se preocupar em compreender como se produz um sujeito particular, como se manifestam seus gostos, a visão de si mesmo e seu estilo de vida. Ela pode ser apreendida mais claramente através do conceito de *habitus* definido como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis” incorporado pelo indivíduo ao longo de sua vida. Em Bourdieu, a identidade se define e se afirma na diferença, sobretudo nas diferenças entre as classes que se manifestam nas distinções simbólicas.

Portanto, a maneira como as pessoas constroem sua identidade decorre tanto das condições objetivas que definem as categorias sociais quanto, como diz Bourdieu (*apud* CHARTIER, 2002, p. 153), do ser percebido por si mesmo ou pelos outros.

Daí a luta constante de classificações. E daí também uma visão dinâmica do mundo social que se embasa não apenas na idéia de hierarquia [...], mas na idéia de que as representações e os discursos que anunciam essas representações pertencem à construção do social.

No conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu, a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade se dá através da interiorização, pelos indivíduos, de valores, normas e princípios sociais. Em Erikson (1972) esses elementos também são constitutivos da identidade, uma vez que sua formação resulta da influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais ( identificações com outras pessoas) e de fatores culturais ( valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários).

Os valores sociais, sendo elementos integrantes da cultura, têm forte influência na estruturação de uma sociedade e no modo de vida das pessoas, nas suas maneiras de pensar, agir, e até de sentir. Pode-se dizer que alguns desses valores criam raízes em uma determinada sociedade - são os valores básicos compartilhados, enquanto outros passam por processos de mudança ao longo da história. O progresso das comunicações

é, certamente, um dos fatores que exerce maior influência em um processo rápido de transformações, que caminha *pari passu* com o incremento do desenvolvimento econômico e tecnológico.

Face à variedade crescente de estilos de vida, o jovem fica perplexo, confuso, diante das escolhas que precisa fazer e que influenciam não só seus modos de agir, mas também, de ser. Ter um estilo de vida significa possuir um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, porque dá forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (GIDDENS, 2002), indicando quem ele é.

Em *La distinction: critique sociale du jugement*, Bourdieu (2002, p.59) afirma que “o gosto está no princípio de tudo o que se tem – pessoas e coisas - e de tudo o que se é para os outros, daquilo pelo qual se é classificado ou se classifica”. Ele é definido como uma propensão e uma atitude de apropriação (material e/ou simbólica) de uma classe determinada de objetos ou das práticas classificadas e classificantes. Ou seja, o gosto é também uma prática que permite que o indivíduo perceba seu lugar e o lugar dos outros na ordem social. É, também, considerado como o princípio do estilo de vida que se traduz em um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem na lógica específica de cada subespaço simbólico – móveis, roupas, linguagem ou *hexis* corporal - a mesma intenção expressiva. Para o autor, citado por Alencar (2008, p.40), “o gosto une e separa; sendo produto de condições associadas a uma classe particular de condições de existência congrega todos aqueles que são produto de condições semelhantes [...]”.

As práticas dos agentes, por sua vez, estão associadas à aprendizagem do que Bourdieu chama de “cultura legítima” que acontece no seio familiar ou, de uma forma mais específica, na escola; decorrem também da existência de condições de vida que passam bem longe da necessidade econômica. Por isso, o verdadeiro princípio das diferenças que se observa no domínio do consumo está na oposição entre gosto de luxo (ou de liberdade) e gosto de necessidade. O primeiro é próprio dos indivíduos que são o produto de condições materiais de existência que se caracterizam pelo distanciamento de uma situação de necessidade, pela liberdade, ou pelas facilidades asseguradas pela posse de um capital; o segundo tipo de gosto exprime as necessidades vivenciadas pelos indivíduos. O que significa dizer que,

o gosto de necessidade leva a um estilo de vida que só pode ser definido pela relação de privação que mantém em relação a outros estilos de vida, sendo claramente perceptível nos padrões de consumo da classe de menor poder aquisitivo, refletindo-se, inclusive, no uso do seu tempo livre (BOURDIEU, 2002, p.200).

Para os que não acumularam o capital econômico e o cultural, como é o caso dos jovens das comunidades carentes entrevistados nesta pesquisa, sobram poucas possibilidades de fazer aquilo que gostam ou gostariam de fazer. O que eles consomem é o que é possível consumir, ofertado muitas vezes por programas governamentais.

### **3.2 Consumo cultural e sociabilidade**

As questões colocadas nas entrevistas com os jovens selecionados por participarem de algum programa ou ação cultural promovida pelo governo, seja na esfera federal, estadual ou municipal, permitiram conhecer o seu cotidiano, as ações desenvolvidas no programa e as mudanças ocorridas em suas vidas, decorrentes do acesso a uma atividade cultural. Os jovens de ambos os sexos participantes dos Programas oferecidos pelo Estado são, na sua quase totalidade, oriundos de famílias de baixa renda.

Nesse contexto, convém abordar a representação social que se faz da juventude pela sua importância na modelagem da identidade juvenil, uma vez que os mecanismos de representação, modos através dos quais os discursos sobre os Outros são produzidos, estão intimamente ligados aos processos de construção identitária (HALL, 1996; 2004). Portanto, a forma como o jovem é representado influencia a percepção que ele tem de si mesmo e suas possibilidades de mudança.

Por isso toma-se aqui como referência a definição de representação social elaborada por Jovchelovitch (1998, p.77):

Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais.

Ou seja, a significação é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico (JOVCHELOVITCH, 1998). Isso significa que “não há

possibilidade de formação simbólica fora de uma rede de significados já constituídos” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.78); significa também dizer, que há inúmeras possibilidades de novas significações, de acordo com o lugar em que o indivíduo se insere na sociedade e da extensão da rede intersubjetiva constituída.

Para os jovens de dois Programas que trabalham o desenvolvimento musical, por exemplo, a música significa a possibilidade de ter uma profissão, uma realização pessoal que se dá com o processo de aprendizagem conforme depoimentos coletados. O que se observa é que muitos desses jovens possuem uma baixa autoestima. O fato de terem encontrado pessoas que acreditaram neles e, por conseguinte, na sua capacidade de responder às expectativas de comportamento geradas, faz com que eles se sintam fortalecidos e passem a acreditar em si mesmos, como diz uma estudante: “Eu espero um dia me tornar uma grande saxofonista e poder dizer que foi aqui (no Programa) que tudo começou.”

Segue o diálogo da estudante citada acima, quando levou o saxofone da escola para estudar em casa. O professor lhe disse: “Toma, leva e sobe lá de cabeça erguida”. E ela explica:

Porque assim, a comunidade, né, em tudo que você se envolve demais com ela, você se torna igual, você não tem o destaque ali no meio, você é igual a todo mundo, você não faz nada, você não estuda, você não trabalha, você não tem uma vida financeira nenhuma, nem é estável você vive para nada, em função de nada. E quando você começa a se destacar, você começa a sair, as pessoas notam. Muitas delas admiram, mas outras criticam porque no decorrer da vida elas tiveram aquela oportunidade de talvez mudar, de fazer diferente e não fizeram, e não quiseram, e se acomodaram. E quando veem as pessoas fazendo diferente há também uma crítica: ‘ah, isso não vai dar certo! Ah, ela não vai aprender isso! Um saxofone, meu Deus do céu, isso é praticamente impossível!’

Para Bourdieu (2004, p.71), “[...] a realidade social é em grande parte representação, ou produto da representação, em todos os sentidos do termo” sendo “o espaço social que organiza as práticas e as representações dos agentes” (*idem*, 1996, p.24). Para compreender essa afirmação, é preciso recorrer ao seu conceito de *habitus* que entendido como um conjunto de disposições para agir, pensar, perceber e sentir de uma maneira determinada é o princípio gerador das práticas e das representações. Como essas disposições não são inatas, mas adquiridas e interiorizadas durante o processo de

socialização, sendo produto da trajetória social dos indivíduos, pode-se afirmar que as representações variam de acordo com a posição ocupada no espaço social. Portanto, ainda na concepção do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o espaço social é a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele.

Assim, a percepção que se tem da juventude é que essa fase da vida é marcada por situações de alto risco, principalmente para aqueles jovens que vivem em famílias que são vitimizadas pela pobreza e pela violência. A condição socioeconômica, nesse caso, é determinante para que os indivíduos abandonem a escola mais cedo do que deveriam e passem a fazer parte do mercado informal ou do mundo das drogas, despreparados como estão para enfrentarem as dificuldades que o cotidiano e a mídia apresentam. A posição que ocupam no espaço social é, certamente, um fator que dificulta o acesso a bens e serviços sonhados pela juventude, como relatado no depoimento de uma jovem. Em um trecho de sua fala, a referida entrevistada diz o seguinte:

Gostaria de ter seguido a carreira militar no Exército, Marinha ou Aeronáutica, mas meus pais não tiveram condições de continuar pagando o curso - R\$ 89,00 por mês- mais fardamento, alimentação, passagem. Não tinha, a gente não tinha esse recurso, sabe? Mas se tivesse eu não estaria aqui ( no Programa). Mas Deus escreve certo por linhas certas. Isso de que Deus escreve certo por linhas tortas é um mito.

O espaço social é concebido como um espaço multidimensional de posições que constituem um conjunto de relações ou um sistema de posições sociais que se definem umas em relação às outras. Para Bourdieu (2001), o espaço social pode ser construído empiricamente, descobrindo-se os principais fatores de diferenciação que explicam as diferenças observadas em um determinado universo social, ou seja, identificando as formas de capital que podem ser mais eficientes na apropriação dos bens escassos. Esse espaço define, ainda, proximidades e afinidades, afastamentos e incompatibilidades; nele, as distâncias se medem em quantidade de capital (BOURDIEU, 2004). É nele que os agentes se distribuem segundo o volume de capital global que possuem e a composição do seu capital, sendo a posse do capital econômico e do capital cultural, os dois princípios de diferenciação que mais se destacam, principalmente nas sociedades de maior grau de desenvolvimento.

Pode-se dizer, então, que os agentes têm tanto mais em comum, inclusive o gosto, quanto mais próximos estejam nessas duas dimensões e tanto menos, quanto mais distantes se localizem nelas. Em decorrência, esse ordenamento no espaço social reproduz-se no espaço físico sob a forma de um certo arranjo de agentes e de propriedades. Na teoria de Bourdieu, o capital recebe as denominações de capital econômico, ligado à posse de riquezas; capital cultural decorrente da relação do indivíduo com a cultura erudita, a vida das artes e a cultura escolar; e de capital social, significando a densa rede de relações, essenciais para a alta sociedade. Qualquer um dentre os diversos tipos de capital pode se transformar em capital simbólico.

Ou seja,

[...]a estrutura do espaço social se manifesta nos contextos mais diversos, sob formas de disposições espaciais onde o espaço habitado funciona como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Em outras palavras, não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, dissimuladas pelo efeito de naturalização que a inscrição durável das realidades sociais no mundo social acarreta. E uma das mais eficazes expressões da hierarquia é o endereço (NUNES, 2007, p.650).

O espaço em que o jovem entrevistado da periferia habita é muitas vezes um não lugar, no sentido de que não há possibilidade de identificação, pois é estigmatizado devido à presença marcante da violência, da pobreza, da habitação precária. Assim se expressou uma jovem entrevistada, referindo-se à localidade em que habita: “Minha comunidade é meio perigosa [...] meu bairro é super perigoso”. Como diz Certeau (2003) “o *habitat* confessa sem disfarce o nível de renda [...] de seus habitantes”.

O que se pode observar a partir da pesquisa realizada é que as ações direcionadas pelo Poder Público a essa categoria, estão concentradas prioritariamente em Secretarias que trabalham com jovens em situação de risco e esquecem, muitas vezes, de abordá-los como sujeitos sociais, únicos e ao mesmo tempo diversos, que constroem sua história e sua identidade a partir das condições que lhes são ofertadas para tal.

Diz Charlot, 2000, (*apud* DAYRELL, 2003, p.43) que o ser humano é um sujeito, mas é preciso estar consciente

que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é ‘proibido de ser’, privado de desenvolver suas potencialidades, de viver plenamente sua condição humana.

Percebe-se que os entrevistados tiveram uma vida árdua decorrente de dificuldades de toda ordem, principalmente econômica, que se reflete na forma de morar, no local da habitação, na dificuldade de acesso a bens e serviços, inclusive a cultura e o lazer. Diferentemente da classe média que tenta se proteger da violência cercando suas residências com altos muros ou morando em condomínios fechados, monitorados por câmeras, os jovens carentes estão totalmente expostos a toda sorte de mazelas da sociedade.

Os depoimentos a seguir retratam alguns traços do cotidiano dos jovens entrevistados que deixam entrever nas suas falas as marcas deixadas em suas vidas.

Ser jovem não é fácil, ser jovem é muito difícil [...] porque a gente vive em uma comunidade onde as nossas coisas estão completamente inacessíveis. As pessoas não têm acesso à cultura, as pessoas não têm acesso à educação, as pessoas não têm acesso a praticamente nada.

E o mundo não tem nada para oferecer, não é? Só tem violência, muita violência. [...] E você só quer o seu bem e o bem da pessoa que está ao seu lado, da família, respeito da família, tudo.

De modo geral, os locais de moradia dessa população juvenil oferecem uma infraestrutura muito precária. As praças estão praticamente ausentes na cidade; algumas poucas quadras de esporte existentes integram o espaço escolar e servem como local para a apresentação de bandas ou para congregar os alunos. A rua é então o espaço democrático onde se joga uma pelada e se junta alguns amigos para jogar dominó, ou cartas. Os mesmos tipos de jogos também podem acontecer em algum lugarzinho da casa. Ressalte-se que também os bairros de classe média ou alta, em algumas cidades como o Recife, também apresentam essa deficiência. No entanto, essa população tem outros recursos/alternativas para suprir as carências como a segunda residência, clubes e a própria escola.

Percebe-se ainda, nos grupos de jovens entrevistados, que a construção ou reconstrução da identidade se dá no processo relacional, na interação com o outro que se dá nos espaços de sociabilidade que podem ser a casa, a rua, a praça ou o local onde recebem aulas de música ou participam de outras atividades oferecidas por “oficinas”

organizadas pelo poder público. Como afirma Domingues (1999, p.21), a sociabilidade [...] “ é o tipo de atitude manifestada pelos sujeitos uns em relação aos outros no curso das interações sociais”, sendo a cidade o *locus* por excelência para a sua realização, embora reconheça que o campo constitui-se, também, como um espaço social específico, no qual emergem diferentes tipos de sociabilidade.

De acordo com Simmel, o sociólogo que mais direcionou o foco no estudo da sociabilidade, ainda em 1910, são as qualidades pessoais como a amabilidade, a educação e a cordialidade que indicam a existência, ou não, de sociabilidade em um encontro. Simmel (1991, p.124) define a sociabilidade como “a forma lúdica de socialização” que permite, pelo seu caráter, relaxar, por instantes, o clima de seriedade e as hostilidades presentes no cotidiano. Esses aspectos destacados por Simmel nos seus estudos sobre a sociabilidade também têm sido considerados importantes por gestores, oficinairos e professores de programas governamentais que trabalham com jovens. Daí o esforço e a dedicação no sentido de repassar-lhes a necessidade de respeitar as regras de convivência no dia-a-dia, apesar de todas as adversidades presentes em suas vidas.

A sociedade contemporânea vivencia transformações extremamente velozes, principalmente no que se refere ao mundo da comunicação e do conhecimento; esse processo implica avanços tecnológicos, informacionais e sociais sem, no entanto, conseguir eliminar as desigualdades sociais existentes, em algumas regiões brasileiras e que ainda permanecem como uma marca maior na nossa sociedade. Elas se refletem, inclusive, no acesso da juventude aos espaços públicos, à cultura e ao lazer nas cidades de médio e grande porte, o que faz com que seja considerável o número de excluídos. Nessas localidades, o espaço público

transforma-se em uma justaposição de espaços privados; ele não é partilhado, mas, sobretudo dividido entre os diferentes grupos. Conseqüentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente. Falta interação entre esses territórios, percebidos (e utilizados) como uma maneira de neutralizar o “outro” em um espaço que é acessível a todos (SERPA, 2007, p.36).

O fato de a cidade ter se transformado em um lugar onde as pessoas não se sentem inseridas na harmonia de uma comunidade urbana, faz com que também o lazer se restrinja a espaços e tempos determinados (ROLNICK, 2000). Evidencia-se, então, a

necessidade de promover ações, projetos e programas voltados para a população, em especial aquela de menor poder aquisitivo, uma vez que a posição que a juventude ocupa no espaço social é, certamente, um fator que dificulta o acesso a bens e serviços, como relatado no depoimento de uma jovem entrevistada.

O aprendizado da música tem facilitado o desenvolvimento pessoal levando alguns jovens a se comunicarem mais e melhor e a serem mais desinibidos, em consequência da autoconfiança adquirida nas apresentações públicas e no contato com seus pares.

Antigamente eu era mais fechado. Sabe... aquela pessoa que tinha medo de se comunicar com as pessoas [...]. Mas agora não. Agora com o tempo isso foi passando e eu melhorei muito. Sou mais comunicativo com as pessoas, falo, converso.

No mesmo sentido vai o depoimento de uma entrevistada de outro programa.

Antes não conversava nem com meus colegas da escola, nem era muito chegada à minha mãe, assim, para conversar. Agora não, me solto mais, converso com todo mundo, mudei muito.

De um modo geral, designam-se por redes os laços mais ou menos sólidos e exclusivos que cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante (BAECLHER, 1995, p.77). Nesse contexto, a sociabilidade compreende as redes que nascem espontaneamente das relações que cada indivíduo mantém com os outros. Há, entretanto, uma contribuição do indivíduo na constituição dessas redes ou um investimento na constituição do capital social, para usar a terminologia de Bourdieu, uma vez que se definem os espaços sociais onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em serem sociáveis uns com os outros. Portanto, não é o conjunto de pessoas com as quais o indivíduo está em contato que constitui o que se entende por redes, mas sim “o conjunto de laços estabelecidos entre as pessoas” (HÉLAN, *apud* BAECLHER, 1995, p.78).

Um dos jovens entrevistados relata na sua fala que ele era “um pouco mais fechado, até mesmo com a família” e que tinha dificuldades de expressar seus sentimentos. Com o decorrer do tempo ele foi mudando e aprendendo a se comunicar. “Até em casa mesmo hoje está bem melhor”. E fala também da influência das aulas de música no seu processo de mudança: [...] “Mas hoje a gente tem ensaio, a gente sai, tem apresentações

também, aí, com o decorrer do tempo, eu fui me aproximando mais das pessoas. Aí a amizade foi crescendo, aí melhorou”.

Para Pierre Bourdieu (1980, 2001 a), o capital social é constituído pela totalidade dos recursos potenciais ou atuais, associados à posse de uma rede duradoura de relações, mais ou menos institucionalizada, de conhecimento e reconhecimento mútuos. A importância desse tipo de capital na vida dos jovens pode ser reconhecida na fala de um jovem ao expressar sua percepção sobre um animador cultural.

[...] é um ótimo educador. Eu gostei muito porque ele tem muita paciência com a gente; ele é amigo [...]. Quando a gente está triste ele não é só animador, ele também se torna um amigo, se torna um pai para a gente [...]. Quando acaba a percussão se ele vê alguém triste ele chama assim: olhe, o que está acontecendo? Ele se torna um educador, um amigo, isso é muito bom.

Dito de outra forma por Bourdieu (1980, p.149) “trata-se aqui da totalidade de recursos baseados no pertencimento a um grupo cujas relações só podem existir sobre a base de relações de intercâmbio materiais e/ou simbólicas” [...]. O volume de capital social possuído por um indivíduo dependerá, tanto da extensão da rede de conexões que ele possa efetivamente estabelecer, quanto do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por aqueles com quem se relaciona. Ou seja, o capital social está intimamente ligado ao capital econômico e cultural, não apenas de um indivíduo, mas da totalidade de indivíduos relacionados com ele, sendo capaz de exercer um efeito multiplicador sobre o capital efetivamente disponível.

O autor chama a atenção para o fato de que não se pode conceber a existência de uma rede de relações como um “fenômeno” natural, nem social, estabelecido de uma vez para sempre mediante um ato original de institucionalização. Por isso, é preciso investir nessas relações para que elas se mantenham e se multipliquem.

#### **4 AS POLÍTICAS CULTURAIS PÚBLICAS PARA A JUVENTUDE: interferências e perspectivas de mudança**

##### **4.1 Perfil dos casos estudados**

##### **I - PROGRAMA DE ANIMAÇÃO CULTURAL ( PAC ) – RECIFE**

Natureza do Programa: municipal

Atrelado à Secretaria de Educação, Esportes e Lazer do Recife.

O programa, originalmente denominado “Juventude em Movimento”, teve início em 2001. As escolas selecionadas para participarem do PAC, de modo geral, estão situadas em áreas periféricas identificadas como locais de conflito e violência. O Programa atua em setenta e oito escolas, oferecendo oito linguagens artísticas sob a orientação de cento e oitenta animadores culturais contemplados com bolsa-estágio.

Objetivos: promover uma formação integral permanente, uma formação de cidadãos conscientes, críticos, informados e capazes de autonomia sobre seu destino e o destino dos grupos sociais nos quais estão inseridos (PREFEITURA, 2009).

Público-alvo: estudantes da rede municipal de ensino.

Atividades: desenvolvimento, nos intervalos dos turnos escolares, de práticas culturais em diversas linguagens artísticas tais como: teatro, capoeira, percussão, canto coral, artes plásticas, dança, bandas marciais, jogos e brincadeiras e ações extra-espço escolar.

O trabalho envolve o coordenador geral, diretores de escola, coordenadores pedagógicos, animadores e grupos culturais em sintonia com a escola regular, com o intuito de possibilitar a educação integral, tornando-se um aliado da aprendizagem formal.

Os animadores culturais têm uma carga horária de 16 aulas semanais, incluindo o final de semana, momento em que a comunidade é também convidada para participar das oficinas.

As atividades extra-escolares acontecem sob a forma de colônia de férias, como também de passeios culturais, com idas a teatro e concertos. A ideia de promover o acesso aos bens culturais está relacionada à possibilidade de uma formação integral em que o conhecimento e prática de expressões artísticas podem levar à

consciência da própria dignidade e conseqüente autoestima; convivência respeitosa, solidária e colaborativa; identidade cultural individual e coletiva; cuidado com o meio ambiente; consciência dos direitos e a participação cidadã para uma cultura da Vida e da Paz, no exercício pleno da cidadania (PREFEITURA, 2009).

## **II - PROGRAMA DE ANIMAÇÃO CULTURAL ( PROAC ) – JABOATÃO DOS GUARARAPES**

Natureza do Programa: municipal

Vinculado à Secretaria Executiva de Educação de Jaboatão dos Guararapes. O PROAC é um dos projetos da Escola Pernambucana de Circo que, juridicamente, representa o Programa. Teve início em 2010, como um projeto piloto, reunindo meninos e meninas em um Encontro de Férias com base em experiências anteriores desenvolvidas no Recife e no Cabo de Santo Agostinho.

O trabalho executado possibilitou a formação de 20 grupos culturais de diferentes linguagens e especialmente na linguagem circense, encontros de férias nos meses de Julho e Janeiro, intercâmbios entre os programas da Rede de Ensino e da formação de lideranças jovens. Respondendo assim, a demanda ao Plano Municipal de Políticas de Juventude da Cidade, no qual se determina a ampliação do diálogo entre a Educação e a Cultura, favorecendo aos jovens o acesso à formação nas áreas das linguagens da expressão cultural (SELEÇÃO de instituição [...])  
[http://sedes.jaboatao.pe.gov.br/termo\\_de\\_referencia.pdf.2012](http://sedes.jaboatao.pe.gov.br/termo_de_referencia.pdf.2012)).

Atividades: o trabalho é desenvolvido em 20 escolas da rede municipal, através de jogos teatrais, circo, dança, artes visuais, percussão e seus desdobramentos que totalizam vinte linguagens artísticas, sob a orientação de animadores selecionados a partir de sua articulação com o movimento social e cultural. São jovens que utilizam a arte e cultura como ferramentas de transformação social. Os animadores recebem remuneração através de uma bolsa para 104 horas semanais de trabalho.

Público-alvo: prioritariamente, alunas e alunos das escolas da rede municipal de ensino. Quando as atividades são realizadas nos finais de semana a população do entorno se incorpora e participa das ações culturais.

## **III – PROGRAMA MULTICULTURAL - RECIFE**

Natureza do Programa: municipal

O Programa Multicultural nasceu em 2011 com o intuito de ser um programa de formação cultural.

É um programa estratégico da Prefeitura do Recife, principal instrumento estruturador da política cultural da gestão municipal,

implementado pela Secretaria de Cultura e Fundação de Cultura da Cidade do Recife em prol da descentralização de ações culturais e da democratização do acesso da população aos equipamentos, técnicas, saberes institucionalizados e fontes de recursos [...] os principais objetivos (são) capacitar jovens e adultos para o mercado da cultura; calorizar a cultura que se expressa nas comunidades; incentivar e fortalecer redes de cultura, através da organização e articulação de grupos culturais; incentivar o conhecimento das realidades locais, através de pesquisa ( PROGRAMA Multicultural <http://www2.recife.pe.gov.br/projetos-e-acoas/projetos/programa-multicultural/>)

O Multicultural atua nas seis Regiões Políticas Administrativas – RPAs do Recife, formadas por vários bairros, através da realização de oficinas, com a carga horária de 60 horas e cursos que variam de 4 a 5 meses dependendo da temática.

Metodologia: é oferecido à comunidade, através da “roda de diálogo” um cardápio de linguagens culturais como grafite, confecção de instrumentos, fotografia, produção de vídeo, teatro, dança, música entre outras. A escolha, a partir do que é ofertado, é feita pelos participantes e atende aos interesses do grupo social local. As oficinas são realizadas em igrejas, escolas públicas, associações de moradores, clube de mães. Os espaços utilizados representam a contrapartida da comunidade na execução do Programa.

Atividades realizadas: oficinas de artes e cursos introdutórios de formação profissional no campo da cultura. Há também oficinas dos ciclos carnavalescos, juninos e natalinos, realizadas em duas semanas de cada festa cultural, que resultam em atividades de geração de renda.

A culminância dos trabalhos acontece através da Mostra Cultural em que o material produzido pelos participantes das oficinas é exposto em cada RPA.

Os instrutores/oficineiros são recrutados através de chamada pública e remunerados com recursos municipais. A partir de uma seleção é construído um banco de dados e, a depender das temáticas escolhidas pela comunidade, o oficineiro é indicado.

Público-alvo: são, predominantemente, jovens, de ambos os sexos, a partir de 14 anos, porém, a comunidade como um todo é aceita sem restrição etária. Quanto aos cursos, há critérios de seleção a serem seguidos: a idade mínima passa para 16 anos e alguns anos de escolaridade são exigidos.

#### **IV – PEQUENOS CONCERTOS JAGUAR- Ponto de Cultura - Jaboatão dos Guararapes**

Natureza: federal - em parceria com a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe.

O Projeto Pequenos Concertos Jaguar teve início, como ponto de cultura, em 2009, porém, as suas raízes estão fincadas no trabalho desenvolvido pela Associação Carnavalesca de Jaboatão, cujo coordenador técnico do projeto é seu presidente. Por iniciativa de dois jovens, utilizando-se da garagem da casa de um deles, começaram as primeiras aulas de música para a comunidade. Após tornar-se ponto de cultura o trabalho se ampliou passando a ser desenvolvido em cinco núcleos, um localizado na Associação Carnavalesca, três em escolas públicas e uma em unidade de ensino privado.

Para cada núcleo há um monitor com remuneração de R\$ 300,00 e um aluno-auxiliar, indicado pela escola, que recebe R\$ 100,00 como incentivo.

Objetivo: “atender crianças e jovens de escolas públicas e músicos da comunidade. (com o intuito) de capacitá-los progressivamente através de cursos e oficinas para a formação de uma banda musical” (PONTOS de Cultura de Pernambuco. <http://diretodosmanguezais.blogspot.com.br/p/pontos-de-cultura-de-pernambuco.html> )

Atividades: formação em teoria musical e prática de instrumentos direcionados a jovens a partir de 10 anos, idade que se relaciona à capacidade de leitura. Quinze alunos conseguiram concluir todas as etapas do curso. A música inicialmente consiste numa atividade prazerosa “e passa a ser também uma atividade profissional (é quando se dá) a inclusão social [...] e o objetivo também é formar o cidadão” (gestor do Projeto).

Adesão ao Projeto: a proposta é apresentada aos gestores escolares os quais, através de documento, autorizam o uso do espaço da unidade de ensino para as atividades musicais. A ideia inicial seria inscrever 20 alunos por escola, porém alguns cadastros apresentaram entre 30 e 40 registros.

A característica principal da escola de música é o ensino do frevo por estar vinculado à tradição local e ao coordenador técnico do projeto, integrante da Associação de Frevo de Pernambuco.

#### **V – BIBLIOTECA MULTICULTURAL NASCEDOURO – Ponto de Leitura - Recife/ Olinda**

Natureza: federal, vinculado ao Movimento Cultural Boca do Lixo.

Origem: O Movimento Cultural Boca do Lixo surgiu como protesto à instalação de um lixão no bairro, porém, as suas raízes estão vinculadas à cena cultural dos anos noventa em que alguns bairros da Região Metropolitana do Recife-RMR como Peixinhos e Alto José do Pinho defendiam a tese “compre um instrumento, jogue fora uma arma, ou faça uma revolução com sua arte”. Nesse espírito, em 2000, é criada a Biblioteca do Nasedouro de Peixinhos, instalada em um local antes destinado ao abate de animais. Segundo um de seus gestores, o Movimento Cultural fez uma intervenção dentro de um espaço público realizando a VI Edição da Semana de Cultura de Peixinhos, intitulada “Viva a Leitura Viva”, com o objetivo de levar a população a compreender a importância da leitura para o desenvolvimento local. “Foram oferecidas 09 oficinas de arte e cultura, com o propósito de promover um diálogo com as crianças e adolescentes a respeito do significado da biblioteca como um espaço de vivência, lazer e de estudos para elas e para a comunidade em geral”.

O Movimento coordena a Rede de Bibliotecas Comunitárias da RMR renomeada de “Rede de Leitura”. Em 2008, passa a ser um Ponto de Leitura dentro do Programa Cultura Viva do MinC. Desenvolve algumas parcerias com o Instituto C&A, através do projeto “Prazer em ler”, com o Centro Luís Freire, organização não-governamental, e uma instituição alemã formada por profissionais liberais, professores e educadores que financiam projetos no terceiro setor e no terceiro mundo (gestor da Biblioteca).

Objetivos:

estimular e promover a leitura em suas múltiplas expressões na comunidade e em bairros próximos, através do desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais, como oficinas de leitura e produção de texto, recitais de poesia, rodas de contação de histórias, exibições de vídeos e filmes, empréstimos de livros, incentivo e orientação aos estudos e pesquisas escolares e extra-escolares e

disseminação de informações de interesse comunitário (VIVA LEITURA. <http://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>).

Atividades: empréstimo de livros, auxílio à pesquisa, roda de leitura e vídeos. Segundo um dos gestores o entendimento de biblioteca não se resume a um depósito de livros, mas uma forma de diálogo entre o usuário e os serviços oferecidos. A Biblioteca funciona de 2ª a 6ª feira das 8 às 12 horas e das 13 às 17h.

Público-alvo: população em geral, mas há uma predominância de crianças e adolescentes com uma procura significativa de literatura infanto-juvenil e literatura brasileira. A Biblioteca desenvolve atividades que abarcam os municípios do Recife e Olinda, uma vez que, geograficamente, o bairro de Peixinhos, local do Ponto de Leitura, situa-se numa área fronteira entre as duas cidades.

## **VI – PROGRAMA PROJovem ADOLESCENTE – Jaboatão dos Guararapes**

Natureza: federal e municipal

O Projovem Adolescente

é um Programa Nacional do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome destinado à promoção de ações socioeducativas voltadas ao desenvolvimento social e humano de adolescentes entre 15 e 17 anos em jornada complementar a escola. O Programa se desenvolve a partir da instalação de núcleos comunitários chamados coletivos (<http://www.jaboataoprojovemadolescente.blogspot.com.br/>).

Em Jaboatão o Projovem é desenvolvido pela Secretaria de Promoção da Cidadania e Secretaria Executiva de Assistência Social; teve seu início em 2010 para atender dois grandes objetivos: fortalecer a convivência familiar e comunitária e inserir e reinsserir o jovem no sistema educacional. Por ser um programa que não contempla uma ajuda monetária “a sua adesão é muito mais difícil. Então, o que ele garante? Concretamente quatro elementos: debates e reflexão sobre cidadania, cultura, esporte e inclusão digital. Dentre todos a cultura é o mais aglutinador” (gestor do Projovem). Os recursos para a execução do Projovem, em sua maioria, são oriundos do governo federal, contando com uma participação, em menor grau, do município.

Atividades: a proposta pedagógica está estruturada em percursos socioeducativos, que são etapas divididas em níveis de complexidade em que o trabalho tem início com discussões simples, passa para um maior envolvimento pessoal e culmina com um amplo grau de

participação social. A ação tem a duração de dois anos e se desenvolve com base em oficinas de cultura, de esporte, de cidadania e de inclusão digital; dessas a que mais articula e mobiliza a comunidade é a cultural, como foi dito anteriormente através da fala do Gestor do Programa. A estratégia utilizada para atrair jovens e divulgar o Programa é “o arrastão de percussão na comunidade. A percussão vai batendo, as pessoas vão saindo de casa para saber o que é aquilo, já que não é carnaval, e as pessoas vão entregando panfleto sobre o Programa” (gestor do Projovem).

As oficinas são ministradas nas comunidades em espaços diversos, como os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), as escolas, as igrejas, associações de moradores e outros.

Público-alvo: hoje são contempladas 23 comunidades; em cada uma são atendidos 50 jovens, entre 15 e 17 anos, de famílias que fazem parte do Programa Bolsa Família; egressos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI); jovens que cometeram algum ato infracional e que estejam em regime de liberdade assistida e sejam vinculados a programas de combate ao abuso e a exploração sexual.

## **VII - PROGRAMA ORQUESTRANDO PERNAMBUCO – Recife**

Natureza: estadual, desenvolvido pelo Conservatório Pernambucano de Música (CPM).

O programa baseou-se em uma experiência bem sucedida do projeto Suzuki, realizada na localidade Alto do Céu, em Recife. Esse projeto recebeu o nome do seu criador e se constitui em uma metodologia com dez volumes para o ensino de instrumentos. O Conservatório Pernambucano de Música - CPM abraçou essa ideia que teve início na Organização de Auxílio Fraternal–OAF no bairro dos Coelhos, em 2008, depois se expandiu para os bairros de Santo Amaro e Brasília Teimosa e para o município de Limoeiro, em Pernambuco.

O Orquestrando oferece aulas gratuitas para crianças e adolescentes de comunidades em situação de vulnerabilidade social, que nunca tiveram a chance de aprender a tocar um instrumento. O projeto oferece aulas teóricas e práticas de música. O ensino das cordas friccionadas, que envolve violino, violoncelo e viola, acontece duas vezes por semana, nos núcleos montados especialmente para os encontros, onde são ministradas também as disciplinas de teoria musical e solfejo. (JOVENS concluem curso de música do conservatório

[http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/12/01\\_12\\_2012/0032.html](http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/12/01_12_2012/0032.html)

Objetivos: Formar instrumentistas de corda e criar orquestras jovens com alunos das comunidades em que o projeto está inserido. De acordo com o gestor geral do CPM, Sidor Hulak, um dos objetivos do Orquestrando é difundir a música erudita. “Queremos levar para as comunidades a possibilidade de acesso à música e as coisas boas que ela proporciona, como disciplina, raciocínio lógico e cognição”. (JOVENS concluem curso de música do Conservatório(*Ibidem*)).

Para o desenvolvimento do Orquestrando, o CPM fornece os instrumentos, adquiridos com recursos da Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco e os professores especializados nas áreas. No momento de implantação do Projeto na comunidade os professores fazem uma demonstração dos instrumentos, com seus respectivos nomes e usos. Segundo Ilma Lira, da diretoria de ensino do Conservatório, quando as crianças escutam o concerto se identificam e se interessam por um determinado instrumento, talvez pelo formato ou pelo som.

Público-alvo: crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos de idade das comunidades atendidas pelo Projeto. O tempo médio para o preparo inicial fica em torno de dois anos, porque, segundo a responsável pelo Orquestrando, a formação de um músico profissional tem a duração de nove a dez anos. As aulas são ministradas nas comunidades nos turnos da manhã e da tarde. Quando o aluno atinge um determinado nível de desenvolvimento as aulas passam a ser individuais.

No período de atuação do Orquestrando foram atendidos entre 150 e 200 alunos. Segundo a gestora do referido programa,

a desistência é muito grande, porque o processo é longo e difícil [...] exige toda uma postura, a forma de segurar o instrumento, a posição dos dedos, uma mão tem que ficar livre para afinar e a outra para passar o ar [...] o começo é desanimador, até adquirir o peso do braço, a pressão da corda até sair o som desejável .

## **4.2 Os programas sob a perspectiva dos gestores**

### **A gestão social como elemento indispensável ao desenvolvimento dos projetos.**

A gestão social corresponde à gestão das ações sociais públicas que procuram responder às necessidades demandadas pelos cidadãos. Os projetos e programas sociais são canais de satisfação dessas necessidades, hoje, já reconhecidas e legitimadas pelos governantes como direitos, passando a serem consideradas na elaboração de políticas públicas e no acesso efetivo aos bens, serviços e riquezas da sociedade pelos cidadãos, principalmente os mais carentes. (CARVALHO, 1997, p.19).

Os gestores dos projetos entrevistados na pesquisa, são em sua grande maioria, originários de ONGs, que, há várias décadas, desenvolvem trabalhos junto aos jovens nas comunidades carentes.

A experiência comunitária dos gestores, a proximidade com o público-alvo e a facilidade de inserção nas comunidades onde atuam garantem uma implantação eficaz dos programas e projetos, cujos convênios são firmados com os governos federal, estadual e municipal.

Apesar da multiplicidade de atividades desenvolvidas, as novas linguagens utilizadas são consideradas, atualmente, instrumentos dos mais importantes para a transmissão do conhecimento, sendo exemplos delas: a música, as artes virtuais, o teatro e a dança. São pedagogicamente melhor utilizadas nas escolas para o aprendizado dos alunos. Segundo Basso e Marques (1999), as mudanças políticas, econômicas e culturais que ocorrem na sociedade, atualmente, e o grande volume de informações estão se refletindo no ensino, exigindo, desta forma, que a escola seja um ambiente estimulante, que possibilite à criança adquirir o conhecimento de maneira mais motivada em movimentos de parceria, de trocas de experiências, de afetividade, do ato de aprender a desenvolver o pensamento crítico reflexivo.

De acordo com o gestor de um dos programas analisados na pesquisa,

A experiência artística e lúdica, por si mesma, já propicia, de maneira prazerosa, um sem número de oportunidades de crescimento pessoal e coletivo, favorecendo o desabrochar de talentos e potencialidades, o senso de disciplina, o empenho sistemático e a organização no lidar com seu tempo-espço, com os meios de que dispõe, a começar pelo

próprio corpo, o encontro e a convivência, a prática da construção coletiva e a conversa espontânea sobre os assuntos da vida pessoal e comunitária.

Sob a perspectiva dos gestores, as escolas deveriam criar os seus próprios grupos de teatro ou dança e dinamizar as rodas de leitura; a formação cultural dos alunos deve ser encarada pelos professores como algo indispensável ao processo educacional; deve existir uma avaliação global de atitudes e comportamentos e não apenas transmissão de conhecimentos; as escolas precisam diversificar as formas de aprendizagem, uma vez que as novas linguagens ainda não são utilizadas em larga escala nas instituições de ensino. O ensino tradicional centraliza-se, sobretudo, no domínio intelectual. Os gestores afirmam que os jovens se recordam mais facilmente dos professores que lhes alteraram a rotina e tomaram iniciativas fora das atividades regulares. Ou seja, aquilo que mais os marcou foram as atividades complementares oferecidas pela escola.

Assim, como o descrito acima, a música é um dos elementos que passa a fazer parte desses “novos” instrumentos à disposição do educador. Legalizada pelo Decreto-Lei nº 11.769, a música, agora, é componente obrigatório do currículo escolar.

Em suas inúmeras formas, a música, quando utilizada em sala de aula, desenvolve diferentes habilidades, como o raciocínio e a criatividade; promove a autodisciplina, desperta a consciência rítmica e estética, além de desenvolver a linguagem oral, a afetividade, a percepção corporal e promover a socialização.

#### **A atuação dos gestores, as experiências bem sucedidas e as transformações verificadas na vida dos jovens.**

O Programa Orquestrando Pernambuco, antes chamado Projeto Suzuki, baseia-se no método já utilizado outrora, em 1994, pelo mesmo Conservatório Pernambucano de Música. O órgão, desde então, acompanha o desenvolvimento dos jovens participantes, os quais, na maioria dos casos, traçam uma trajetória de sucesso.

Há jovens que já repassam o conhecimento obtido, atuando como instrutores de diversos projetos sociais que também trabalham com música. Alguns, inclusive, já se deslocaram para outros Estados do Brasil e para os Estados Unidos, onde põem em prática e aperfeiçoam seus conhecimentos.

O método de ensino, escolhido pelos gestores, que era utilizado no Projeto Suzuki foi criado pelo músico e pedagogo japonês Shinichi Suzuki. Considerado eficiente, por se basear na aprendizagem natural da fala e contar com a colaboração dos pais durante todo o processo, é aplicado de maneira prazerosa e utiliza um repertório alegre, contribuindo, para a formação do aluno, através de um meio musical e social favorável.

Os depoimentos que seguem são de uma professora do projeto e mostram o envolvimento dos pais e a forma lúdica desenvolvida no processo de aprendizagem dos alunos:

As mães interagem, elas iam muito aos concertos, as família deles, o pessoal da comunidade. Eles tocam, (os jovens), muitas vezes, em missas dentro da comunidade, e hoje eu sei que, mesmo alguns alunos que deixaram e que não quiseram ir até o final, a música é parte da vida deles [...]. Uma menina que não concluiu o curso está dando aula de violino para algumas crianças e toca na missa, lá na igreja. Eles brincam. Crianças quando são pequenas brincam muito com o lápis, com uma varetinha qualquer [...]. Aí depois pega no arco... o processo é lento [...]. Para formar um profissional é de nove a dez anos.

Os Programas estudados, por se utilizarem de recursos que fogem ao tradicionalismo, são considerados, em sua maioria, experiências positivas de políticas públicas de formação de jovens, preparando profissionais para o mercado de trabalho e permitindo o acesso às atividades culturais, que antes lhes era negado.

O papel do gestor no desenvolvimento desses projetos mostra-se fundamental. É imprescindível ao processo cognitivo a atuação desses profissionais junto aos participantes dos programas. Os gestores, a partir da observação dos jovens-participantes, procuram detectar as dificuldades que estes possuem, para lhes possibilitar a sua superação a cada dia. Através dos métodos escolhidos, buscam motivar a participação, aumentando a autoestima dos integrantes, de modo a fazer com que eles próprios possam atuar como agentes transformadores da realidade própria e alheia.

É importante reforçar que as práticas culturais oferecidas funcionam como modo de inserção do jovem na sociedade. Tais atividades compreendem tanto a fruição quanto a produção de cultura pelos jovens, os quais devem ter seus interesses e vontades levados em consideração no momento de criação de programas e projetos culturais pelo Estado.

Não devem ser vistas apenas como um instrumento para evitar desvios na formação do jovem, mas também como um direito de todo indivíduo de se sentir inserido na sociedade e poder participar da sua construção.

O que foi exposto se confirma com o depoimento de um assessor de projeto:

A repercussão na vida da escola e das famílias, não tarda a fazer-se sentir, pela mudança de atitudes e comportamentos, pela novidade e qualidade dos interesses, no jeito de ser, pensar e agir desses garotos e garotas, particularmente, por uma consciência de direitos e responsabilidades, que, não raro, surpreende e, até, pode incomodar.

Os jovens integrantes dos programas mudam sua postura dentro da família e isso é percebido pelos próprios pais, que falam que eles hoje participam das atividades familiares, tornam-se mais solidários, participativos, mais respeitosos e ao mesmo tempo, mais questionadores; têm sua autoestima trabalhada e estímulo para as atividades que lhes são apresentadas, fazendo com que a partir daí tenham uma compreensão melhor do seu papel na escola e no mundo como cidadão, pois é resgatada a questão da cidadania. Os programas procuram descobrir também, através do teatro, do grupo de música, da dança, da banda a vocação e o talento do jovem para melhor direcionar a sua profissionalização, ocorrendo dessa forma a mudança de atitude.

Depoimento de um professor sobre a participação das mães:

Falavam, todas elas disseram que tinha sido, assim, uma coisa preciosa na vida deles, que era importante [...]. O reconhecimento delas foi sempre muito grande, era muito gratificante assim a gente ver o respeito que tinham por nós, o carinho que tinham por nós. Fizeram, muitas vezes, festas para a gente no dia dos professores, se organizaram, fizeram festas, levaram presentes, sabe, eram muito presentes em tudo, e quando eu chamava estavam todos lá [...] para uma reunião, sempre elas estavam [...]. As mães, visualizavam claramente a mudança no filho. Por exemplo, tem uma historia que o filho era isso, ou que estava indo pra um caminho errado, mas com a chegada do projeto, o filho mudou de caminho e isso é muito importante para elas.

Com relação às atividades lúdicas desenvolvidas, consideram-nas fundamentais para o aprendizado, salientando, inclusive, que deveriam estar incorporadas na prática educativa das escolas, pois contribui para a formação do aluno.

Os gestores observam a mudança que ocorre na vida dos participantes dos projetos, verificam o crescimento dos alunos em relação a si mesmos, a modificação na forma

como olham o mundo, fazendo com que se sintam efetivamente cidadãos. Essa percepção decorre do envolvimento direto dos gestores com a comunidade, desde a implementação dos projetos.

Quando entrevistados, mostraram-se satisfeitos com as ações desenvolvidas, solicitando, muitas vezes, sua ampliação, para possibilitar o atendimento de um maior número de indivíduos nas comunidades carentes.

O depoimento de um professor mostra a mudança de hábitos, os novos valores adquiridos nas oficinas realizadas:

Pediram para que eu fizesse uma oficina do projeto em quatro cidades, levando os meninos do projeto. Mandaram um ônibus, muito confortável, que tinha aparelho de TV, vídeos, DVD e CD; o que me impressionou, foi que os meninos, todos, ninguém levou música popular ou brega. Você acredita? Eles só levaram músicas eruditas, CDs de orquestras.

Ao mesmo tempo, os gestores não deixaram de mencionar as dificuldades enfrentadas, como, algumas vezes, a insuficiência de recursos, a burocracia e a falta de lugar mais adequado para realização das atividades.

No mais, é importante ressaltar que os aspectos positivos se sobrepõem aos negativos, vislumbrando-se, portanto, a necessidade de se dar continuidade às políticas implementadas e de fazer efetivar-se o Decreto-Lei nº 11.769, inserindo as aulas de musicalização no currículo escolar, a fim de ultrapassar as barreiras, ainda existentes, no que tange ao acesso de todos à música. Rosa (1990, p. 22-23) enfatiza que:

Em espaço escolar, a linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos. Corroborando as teses apresentadas, Romanelli, (2009) defende que,

na escola, [...] a música é linguagem da arte, [...] é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de outras disciplinas. A música [...] é uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação.

A divulgação dos programas é realizada pelos professores, gestores e animadores culturais, a depender das especificidades de cada projeto. No Programa Orquestrando, por exemplo, a apresentação aos interessados da comunidade é realizada através da

demonstração do funcionamento dos instrumentos. Os jovens acham tudo muito curioso e, comumente, encantam-se por algum instrumento, seja pelo som ou pelo formato, como foi dito anteriormente por um membro da diretoria de ensino do CPM.

Outros projetos iniciam suas atividades com discussões temáticas que são escolhidas pelos próprios alunos e estimuladas pelos coordenadores e animadores culturais.

Há, ainda, os que fazem a divulgação na comunidade através de carros de som e por meio de ligação telefônica, avisando da realização de reuniões para a escolha de oficina e, assim, conseguem mobilizar muita gente.

### **4.3 Os programas sob a perspectiva dos jovens**

#### **4.3.1 A escola como lócus de formação do gosto: o encantamento pela música**

A constituição do gosto e a apropriação dos bens culturais precisam ser analisadas de modo relacional, ou seja, é necessário tecer as relações de homologia entre as posições dos indivíduos no espaço social, as suas disposições (*habitus*) e a formação do gosto. Por isso, as escolhas por determinados bens culturais devem ser observadas no contexto histórico e espacial em que elas ocorrem (BOURDIEU, 1993, 1996; GIRARDI JR., 2007). Os jovens, como membros de um grupo social, com condições econômicas específicas, estudantes de dada instituição de ensino e partícipes de projetos culturais ofertados por escolas ou outras entidades, formam seu gosto nas interseções destes elementos.

A ideia de *habitus* de Bourdieu (1996) permite o entendimento das práticas exercidas pelos indivíduos no espaço social representado, ou seja, no espaço dos estilos de vida. O gosto advém do *habitus*, que consiste num processo de transformação que torna alguém parte do grupo ao qual pertence, sendo construído dentro da estrutura de campo ao qual o indivíduo integra (ASSIS; MELO, 2010). Logo, o que marca o jovem para que ele possa pensar e agir em seu espaço social é o *habitus*, um processo de transformação que resulta da história individual e que torna alguém músico, pintor, através de ritos de instituição, ou seja, dos processos sociais (família, escola, igreja). Neste estudo as ações decorrentes das políticas culturais integram estes ritos, e *a formação do gosto e a consequente apropriação dos bens culturais resultam da existência de algum projeto ou ação cultural*, mesmo em condições precárias de execução.

É interessante estar atento ao fato de que o uso de bens e serviços que parecem não ser do universo chamado *cultural* faz, de fato, parte da vida cultural dos indivíduos. O tempo da escola, por exemplo, insere-se em parte da vida dos jovens e o que ocorre neste espaço é também de ordem cultural, ainda que rotulado como do universo *da educação*. Quanto mais o *habitus* do jovem estiver ajustado ao contato com os bens culturais, mais ele tem chance de naturalizar o uso destes bens, apropriando-se deles a partir das experiências vivenciadas nas atividades proporcionadas pelas políticas culturais existentes nas escolas.

A composição do gosto e a apropriação de bens e serviços culturais somente podem ser analisados a partir da compreensão da dimensão da cultura em seu caráter antropológico e sociológico. Em termos antropológicos, a cultura integra as relações de troca, os contratos de convivência (BOTELHO, 2001). Isso permite entender as condições regionais de interpelação de determinados aparatos culturais em detrimento de outros, como o frevo em Pernambuco e o samba no Rio de Janeiro, por exemplo. Neste sentido, as políticas culturais devem estar sensíveis às sociabilidades dos indivíduos em seus contextos de existência.

Na dimensão sociológica, a cultura carrega um sentido discursivo, constrói significados que expressam valores e que pressupõem a circulação e o consumo para existir simbolicamente. Neste nível, as políticas culturais ganham uma lógica de intervenção que “visa propiciar o acesso às diversas linguagens, mesmo como prática descompromissada, mas que colabora para a formação de um público consumidor de bens culturais” (*Ibidem*, p. 05). Como diz Bourdieu (1999, p.297):

[...] O legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores pertence *realmente* (embora seja *formalmente* oferecido a todos) aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los.

Ainda que não seja objeto deste trabalho, é importante ressaltar que a eleição de determinados bens em detrimento de outros acaba por fundamentar a legitimação de algumas práticas, relegando outras a uma condição secundária. A luta por posições dominantes por algumas expressões culturais está no cerne da estrutura das relações de

força simbólica, que acabam por servir como instância de legitimação geral do campo cultural. Assim, quando as políticas culturais selecionam certas práticas, de alguma forma estão produzindo critérios de classificação e hierarquização no mercado de bens simbólicos, ainda que esta não seja a intenção de origem da elaboração dessas políticas (GIRARDI JR, 2007).

Conforme anteriormente referenciado por Alencar (2008), o gosto agrega e separa indivíduos segundo suas preferências, expressas em seus espaços de interação. A expressão do gosto é a operação prática do *habitus*, segundo Bourdieu (2007). Logo, aquilo que eu pratico ou consumo é a expressão distintiva do *habitus*, quando aprecio o bem e me diferencio por seu uso ou consumo. Como diz Bourdieu, citado por Alencar (*Idem*, p. 40), o gosto é “uma propensão e uma atitude de apropriação (material e/ou simbólica) de uma classe determinada de objetos ou das práticas classificadas ou classificantes”. Neste sentido, dá aos jovens a referência de si e dos outros no espaço social, especialmente quando se vê como parte de um grupo.

Nesse jogo hierárquico, uma prática contemporânea comum entre os jovens é a participação em jogos virtuais e as conversas *on line* com amigos, como relata um dos integrantes de projetos observados na pesquisa. No entanto, mesmo na era do computador, os jogos coletivos, como futebol e basquete, também integram as atividades dos adolescentes na faixa dos 15 anos, como acontece com um entrevistado que treina basquete na escola, participando dos campeonatos entre escolas do município.

Entretanto, mesmo sob o apelo do gosto pelo mundo virtual, esse indivíduo teve contato com a música, na escola onde estuda e joga basquete. Desde 2010 ele integra a banda musical<sup>3</sup> nela instalada, tocando o instrumento caixa. Segundo o adolescente, a descoberta da banda aconteceu porque “de manhã não ficava fazendo nada” em casa. Seu interesse foi despertado ao ouvir outros jovens tocando e lá descobriu gostar muito

---

<sup>3</sup> A banda marcial tem um número flutuante de participantes, mas, em média, 40 alunos são regulares e se apresentam em eventos.

de música: seu *habitus* foi marcado pela experiência vivenciada na escola e o código para compreensão do seu sentido como bem simbólico começou a ser decifrado.

Ele reconhece a necessidade de ensaiar mais para participar de uma apresentação do grupo musical, que ainda não tinha tido a oportunidade de fazer<sup>4</sup>. Ainda que não perceba mudanças relacionadas ao seu reconhecimento pelos outros jovens, o mesmo adolescente diz estar mais atento às aulas depois do ingresso na banda musical. A apropriação do gosto pela música serviu de motivação para acordar e ir à escola, fazendo-o reduzir os jogos de internet, que costumava participar com frequência quase diária.

Outro jovem integrante da banda citada, um pouco mais velho que o anterior, afirmou gostar de esporte, embora jogue futebol fora do estabelecimento de ensino. Além da música, ele destacou o gosto pela dança popular, compartilhado por uma colega de 17 anos, da mesma escola, também companheira da banda. Ver filmes no cinema ou em DVD, ir à praia também integram as opções de lazer dos jovens. Assistir novela pela televisão aparece ainda nas respostas como item de lazer para alguns deles.

A música produz um encantamento entre os jovens. Um deles destaca a apropriação do gosto ao salientar ser a sua participação na banda da escola seu “principal lazer”. Também os ensaios e apresentações são vistos como momentos de diversão. Uma jovem entrevistada demonstra seu envolvimento na atividade musical ao afirmar enfaticamente: “a minha vida está sempre ligada à banda, banda, banda”. Integrante do grupo desde o início, em 2006, ela toca prato e lira, mas já foi do corpo coreográfico, e diz: “eu faço um pouquinho de cada coisa, se precisar de mim[...]”.

A animação pela música aparece de forma mais racional em outro entrevistado que toca trombone e diz gostar de ouvir os concertos da Orquestra Sinfônica do Recife. Ele demonstrou grande amadurecimento e conhecimento ao falar de música, citando os instrumentos musicais – trompa, trompete, trombone, tuba, bombardino – além de

---

<sup>4</sup> O relato dessa experiência, assim como todas as demais apresentadas neste relatório, aconteceu no decorrer da pesquisa de campo, podendo ter havido apresentação do grupo após a realização da entrevista.

ressaltar a importância da leitura da partitura para a compreensão musical. O jovem costuma assistir às apresentações da Orquestra Sinfônica, gosto do qual se apropriou depois de “descobrir a música” ao ingressar na banda da escola. Isso se evidencia ao afirmar não saber “o que era concerto” até a experiência vivenciada na banda. “Geralmente eu vou uma vez por mês, porque a banda sinfônica da orquestra do Recife dá um concerto grátis toda quarta-feira do mês, no Teatro Santa Isabel”.

Os sentidos das práticas de cultura e lazer são reconhecidos e percebidos como ocupação para jovens que “poderiam estar fazendo coisas erradas”. Como diz um dos entrevistados: “a banda ajuda muito porque ocupa o nosso tempo, ocupa a mente. A gente começa a fazer uma coisa que a gente gosta, começa a pegar amor”.

Alguns jovens entendem que os seus contextos de existência foram os entraves para a construção e a manutenção de sonhos. Uma jovem, que toca saxofone, integrante de um projeto cultural, desejava seguir carreira militar, mas seus pais não tinham recursos financeiros para custear o curso preparatório para o Colégio Militar. Quando a oportunidade do projeto de música surgiu, ela teve a chance de seguir outra trajetória. Perguntada sobre que nota daria à ação cultural da qual participa, ela afirma: “eu daria uns 1.000!”. A estudante destaca como a participação em projetos culturais pode interferir na condução da vida dos jovens afirmando que tal oportunidade – seja em música ou em qualquer outra expressão cultural – deve ser ofertada desde cedo para as crianças. E pondera:

Ser jovem é muito difícil, porque quando se é jovem se tem vários caminhos para seguir, e se todo jovem também soubesse... não que fosse direto assim na música, não fosse só a música, porque tem várias outras coisas também que rendem no futuro, né?

Ela entende a importância da participação nestas atividades e já contribui de forma diferenciada com as atividades musicais, ajudando os mais jovens no aprendizado da leitura de partitura, o que exige “interesse e foco”. A jovem também ensina a algumas crianças que residem próximas de sua casa, por incentivo do professor do projeto de que faz parte: “ele falava para mim que eu passasse a lição para elas. Então, assim, quando a gente pode, a gente se reúne também lá na minha casa”.

O percurso de vida de alguns jovens demonstra que é possível incorporar às suas existências novos estilos e novas visões de mundo, como indica o caso relatado a seguir. Aos 11 anos, o jovem morava em um bairro na periferia da cidade e, como conta, seu cotidiano se resumia aos jogos de futebol, à pipa, à bola de gude, até que uma professora percorreu a área e, de porta em porta, convidou as crianças para estudarem música. As mães gostaram da ideia e muitas crianças ingressaram na atividade. Hoje, há jovens que estão em orquestras no Brasil, nos Estados Unidos ou em outros países, seguindo suas carreiras musicais. Com estes exemplos de êxito, enfatiza-se que não se objetiva aqui avaliar a constituição do gosto em níveis estéticos, observando em que medida alguns jovens apenas gozam os efeitos da arte que lhes é apresentada nos projetos dos quais participam ou imergem na fruição estética dos bens culturais<sup>5</sup>. A intenção é sim verificar a introdução de bens culturais em seus contextos de existência, a consolidação do gosto e o processo de consumo que se constitui a partir dessas interações, o que se evidenciará a seguir.

#### **4.3.2 Da atividade ao consumo cultural: o papel do educador e a constituição de novos projetos de vida pelos jovens**

Um hiato teórico se faz necessário ao se abordar a questão do consumo cultural e da identidade: o que é cultura? Que são políticas culturais? A esfera da cultura é o universo de signos, imagens e sons, símbolos que permitem apreender sentidos e relacionar coisas. Como diz Ortiz (2008, p. 123), a sociedade é imersa na cultura, ou, dito de outro modo, não existe sociedade sem cultura, pois “os universos simbólicos ‘nomeiam’ as coisas, relacionam as pessoas, constituem-se em visões de mundo”. Pode-se, assim,

---

<sup>5</sup> Eco (1979, p. 73) discute longamente a estrutura do mau gosto e a constituição do *kitsch*, uma espécie de arte ou objeto cultural de fácil compreensão, ofertada para um público médio e “preguiçoso que deseje adir os valores do belo e convencer-se de que os goza, sem perder-se em esforços empenhativos”. O *kitsch* seria, assim, um “meio fácil de afirmação cultural para um público que julga estar fruindo de uma representação original do mundo, quando, na realidade, goza unicamente uma imitação secundária da força primária das imagens”. Esta discussão serviria para nos debruçarmos sobre a formação do gosto contemporâneo da música brasileira após a constituição das bandas administradas por empresários, por exemplo, mas não é fundamental para o estudo aqui desenvolvido.

pensar que “a cultura, como variável determinante, são redes textuais de hábitos, rotinas e padrões cotidianos de atividade e interação, orientações e receitas tidas como dadas para a ação do indivíduo” (MELO, 2010, p. 19). Ora, se a cultura é constitutiva da sociedade, é uma variável determinante dela. Portanto, quando se ingressa na lógica da “política cultural”, entra-se num terreno arenoso, como alerta Ortiz (2008, p.124) :

Ao introduzirmos a noção de política, subrepticiamente marcamos a discussão com outros indicadores. Um deles vincula-se à ideia de racionalidade. Supõe-se a existência de uma esfera, denominada cultura, e um ato cognitivo capaz de separá-la de suas outras conotações. Em seguida, pode-se propor uma ação determinada em relação a este universo previamente delimitado.

O olhar da cultura a partir da ideia de política cria um hiato, segundo defende Ortiz, porque a política pressupõe planejamento, metas e objetivos, não conseguindo alcançar o domínio da cultura em sua condição estruturante. “O domínio da cultura como dimensão constitutiva da sociedade não coincide com a esfera da ação política” (ORTIZ, 2008, p. 124). A política pública está no domínio da racionalidade, de algo que existe a partir de um momento da história da humanidade. A cultura é da noção da humanidade, sendo impossível entender a vida social sem apreender as relações simbólicas estabelecidas entre os seres.

Ao se ligar uma coisa à outra – política e cultura –, precisa-se entender de que cultura se está falando agora. Com a modernidade, o desenvolvimento atrela-se à sociedade, ou seja, passa a ser intrínseco a ela, e dele não se pode escapar (ORTIZ, 2008). Para esta nova etapa da sociedade, o vínculo entre cultura e desenvolvimento é fundamental, e para tal é preciso saber que as culturas são múltiplas e são um bem comum a toda humanidade. Já a política cultural é a gestão de bens culturais, com objetivos, metas e ações para o seu alcance. Em seu planejamento, certos aspectos são privilegiados, valorizando algumas expressões em detrimento de outras. Como forma racional de organização, insere-se na perspectiva empresarial: é um “empreendimento enraizado em determinado contexto” (*Ibidem*, p. 127), com vistas a pensar o que a sociedade produz em sua dimensão cultural como bem cuja produção carece de gerenciamento.

Portanto, ao se destacar aqui alguns bens culturais, selecionados pelas políticas públicas como relevantes para o desenvolvimento da sociedade em que essas ações se fazem presentes, não se exclui a ideia de que as barreiras de classe, gênero e as contradições

são inerentes aos grupos sociais. Entretanto, não é objeto desse estudo fazer uma crítica das escolhas dos gestores das ações, mas não se pode perder de vista que, ao se eleger um bem específico, uma expressão musical ou estilo de dança, há aí uma disputa pela definição hierárquica do que deve ou não ser reconhecido como culturalmente válido numa comunidade.

Em sua crítica ao nacionalismo, Bourdieu (2004) alerta sobre a existência de uma identidade fabricada e tida como natural. Esta lógica é extremamente importante para pensar a questão da identidade da juventude. Isso existe ou é uma fabricação? Não há uma fronteira natural entre a infância e a juventude, entre a juventude e a vida adulta. Segundo Bourdieu, “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113). Para ele, a definição do ser jovem é uma arbitrariedade dentro do exercício do poder simbólico, que produz classificações socialmente determinadas (*Idem*, 2004). Enquanto Bourdieu (1983) questiona o sentido de juventude, estabelecendo-o como uma construção social, Lahire (2006) fala da juventude como etapa da vida, fase situada entre a irresponsabilidade dos atos infantis e a responsabilidade da vida adulta. Paralelo a isso, porém, há uma determinação de ordem biopsicológica.

Para a psicologia e a medicina, há um estado de vulnerabilidade diferenciado entre os jovens em decorrência de três fatores nesta etapa de vida: os processos de aprendizado, a definição de identidades e a influência das alterações hormonais. Por isso, a juventude é considerada o momento de constituição de valores e busca de reconhecimento nos inúmeros campos sociais nos quais estes indivíduos circulam (MELO; ASSIS, 2012). Assim, o sentido objetivo de juventude resulta da concordância de subjetividades, que estruturaram objetivamente o que é ser jovem<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Embora o arcabouço teórico esteja fortemente vinculado ao pensamento bourdieusiano, escapa-se parcialmente aqui de sua perspectiva teórica, uma vez que Bourdieu não se ateu à noção de subjetividade coletiva, tendo como objetivo produzir uma síntese entre *objetivismo* e *subjetivismo* e transitando nesta polarização (DOMINGUES, 2004b). Aqui, no entanto, inclui-se o sentido de subjetividade coletiva como uma relativa concordância entre os sentidos atribuídos a um fato ou a um objeto por diversas instâncias (indivíduos ou instituições) em interação no sistema social.

Porque o indivíduo não é um ser centrado – dotado de uma identidade única – não há um sentido claro para falar sobre o que é *ser jovem*. Os jovens, como todas as categorias definidas nas ciências sociais (como gênero, etnia, classe), são heterogêneos, descentrados. Disso decorre “a pluralização dos estilos de vida, a multiplicação de ‘tribos’ e grupos com distintas sensibilidades e preferências estéticas” (DOMINGUES, 2004a, p. 113), o que desemboca no contingenciamento de situações em que os jovens estão reunidos em torno de uma identidade comum. E situações assim costumam advir de políticas coletivas que buscam aglutinar determinado perfil de indivíduos em torno de ações específicas, que, neste trabalho, se constituem nas políticas culturais desenvolvidas para indivíduos na faixa etária de 15 a 29 anos.

Quando estas ações conformam grupos concretos, é possível, aí sim, deduzir a ocorrência de vivências comuns, que podem delinear destinos comuns, enraizados em cada um dos que acessam estas políticas, que de alguma forma realizam trocas pessoais, espirituais e emocionais (*Ibidem*). No futuro, porém, seus destinos podem correr em direções distintas, mas as ações públicas empreendidas tinham uma intencionalidade comum: estimular os jovens a ter contato com expressões culturais diversas, ampliando o horizonte de possibilidades de consumo cultural e de mudança de estilos de vida a partir deste consumo. Ora, se não existe *o jovem*, mas *os jovens*, parece-nos claro que a identidade de um grupo de jovens – em uma dada comunidade ou atendido por um dado projeto de política cultural – é o resultado do compartilhamento de sentidos sobre assuntos ou objetos, constituindo este grupo em um “círculo cultural” (DOMINGUES, 2004a).

Porém, mais do que entender as variações entre *ser jovem*, é fundamental entender que os jovens se veem, teoricamente, como grupo concreto, consciente de uma unidade de geração. E, ainda que isso seja empiricamente inexistente e teoricamente se constitua numa construção social, o sentir-se parte de um conjunto identificado como *juventude* faz cada indivíduo, que se reconhece como parte desta etapa da vida, ciente de si como *jovem*. Por isso, as consequências reais sobre a vida dos partícipes de entidades que desenvolvem políticas culturais para os jovens podem ser semelhantes, conformando indivíduos que apreendem os bens culturais e seus sentidos, alterando os seus estilos de

vida a partir do contato com as ações empreendidas, com vistas a sensibilizá-los quanto ao(s) sentido(s) de inúmeras expressões culturais.

Esta ideia de ser parte de um grupo parece comum aos jovens quando apontam os jogos de computador e as conversas via internet como uma prática de lazer incorporada ao *habitus* contemporâneo da juventude, entendida na lógica da unidade. Neste sentido, alguns jovens costumam manter contatos virtuais entre si, através da internet, especialmente acessada em *lan houses*<sup>7</sup>, mesmo compartilhando o ambiente escolar. Um jovem entrevistado ressalta a prática como comum entre seus amigos, principalmente nos fins de semana. No entanto, as políticas culturais em andamento nas escolas e outras entidades frequentadas por estes jovens criam outros vínculos entre eles: o gosto pela música, pela literatura, pelo teatro etc.

À pergunta *por que as ações de políticas culturais têm dado certo*, conseguiu-se enumerar algumas respostas. A primeira observação que se pode relatar neste estudo é a da *experiência da descoberta da expressão, atividade ou bem cultural*. A música, conhecida pelos projetos em andamento em algumas escolas, dá outro sentido de pertencimento marcado no discurso dos jovens, como afirma um integrante de uma banda musical. A participação no grupo fomentou novos interesses, reduzindo o tempo de permanência na internet ao trazer a experiência de descoberta da expressão cultural:

Eu tenho a banda como uma família também [...]. A banda querendo ou não completa alguma coisa em mim. Criei um amor, também, porque a banda de certa forma traz responsabilidade.

A mesma descoberta aconteceu com outro adolescente de 15 anos, que faz parte de um grupo de teatro. A curiosidade o levou a descobrir o projeto, ao qual se integrou desde os 13 anos. Para ele, a vivência mostrou a importância do preparo, da repetição do ensaio. Ele diz: “eu pensava que era só chegou no palco, fez aquilo, acabou”.

O adolescente citado sabe que as peças de teatro possuem uma equipe de trabalho, e ele gosta de ser ator. Já teve a oportunidade de interpretar Jesus numa peça natalina, papel

---

<sup>7</sup> *Lan house* é um tipo de estabelecimento onde as pessoas têm acesso à internet para jogos em rede ou *on line*, consultas de informações e trocas de mensagens em redes sociais como Facebook, Orkut etc.

para o qual teve que ensaiar por dois meses. Em sua visão, iniciativas como a do Programa do qual participa estimulam a “invenção”. Nesta “invenção”, estão as idas ao teatro no ônibus escolar com alguns colegas, experiência que o jovem iniciante se recusava a participar antes de integrar o grupo de teatro.

Destaca-se também o relato de uma jovem que fala da descoberta da música e do espanto ao entrar em contato com as partituras, que antes chamava de “pontinhos numa folha”. A experiência do conhecimento musical a fez ir a lugares distantes, ao ouvir e aprender a música dos mestres clássicos<sup>8</sup>. Ela conta:

Como é que a pessoa consegue tocar através de um bocado de pontinhos em uma folha? Eu não sabia o que era um pentagrama, eu não sabia o que era uma clave de sol. E hoje é muito bom! Eu conheci muitos músicos também [...]. Se a gente toca, a gente cria aquele outro ciclo, a gente sai um pouquinho dali, daquela comunidade e conhece outras pessoas.

A segunda observação que se faz aqui: *A relevância das lideranças é fundamental*. A presença de um líder estimulador está associada à descoberta de expressões culturais. A ação incentivadora de um mestre, professor ou gestor de políticas culturais é frequentemente relatada, mostrando como a atuação dos líderes é definidora da participação dos jovens nos projetos. Eles contam suas experiências de descoberta e a construção de identificação com os instrumentos musicais, a partir do estímulo do professor de música:

O sonho de todo pré-adolescente é ser jogador de futebol. Aí quando eu entrei na banda eu queria jogar bola e não queria saber de banda. Aí ele (o professor, instrutor) me deu um trompete, o famoso trompete. [...]. Me emprestou para eu tocar. [...]. Aí ele me deu outro instrumento, o bombardino, que é um instrumento que tem um timbre diferente [...] e que se destaca no meio da banda. [...]. Aí ele me colocou no trombone e aí até hoje eu tô no trombone.

Também um jovem frequentador de uma biblioteca integrante de um programa governamental, relata:

---

<sup>8</sup> É interessante relatar que muitos dos jovens que participavam de atividades relacionadas à música citavam com clareza os nomes de músicos como Tchaikovsky, Schumann e o brasileiro Pixinguinha.

Também teve uma pessoa assim que me influenciou muito, foi a responsável também pelo meu interesse hoje da Literatura Brasileira, que foi minha professora do ensino médio [...].

Dentro da clássica tensão sociológica *indivíduo x estrutura*, enquanto a perspectiva humanista impõe o subjetivismo à realidade, a perspectiva estruturalista realça a força da estrutura na sociedade, deixando o indivíduo submetido à sua ordem. Bourdieu (2004) buscou solucionar a questão ao definir *habitus*. O conceito permite a visualização de certa liberdade de ação do indivíduo dentro de parâmetros estruturais previamente dados. O indivíduo não fica refém da estrutura, agindo dentro das disposições subjetivas de si e das estruturas objetivas. Assim, é possível entender porque as políticas culturais são processos sociais que oferecem aos jovens o conhecimento de bens, sons e imagens expressos na literatura, na música, na arte que podem influenciar a constituição do *habitus* dos jovens no contexto estudado nos municípios do Recife, de Olinda e de Jaboatão dos Guararapes.

Cada jovem detém um conjunto de disposições adquiridas em seu contexto de vida particular, o *habitus*, absorvendo e externalizando estas ações que vão acontecendo em seu espaço social. Para Bourdieu, (1996, p.21) “a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de ‘gostos’) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente”. Os jovens entrevistados na pesquisa trazem consigo as suas histórias de vida, mas os seus atos também decorrem da exposição aos bens culturais, via políticas públicas, que produzem efeitos sobre a imagem de si e provocam mudanças em seus estilos de vida, como a valorização dos estudos e a relevância que passam a dar ao acesso à informação.

Na condição de jovens, os *habitus* destes indivíduos ainda são fluidos, com menos resistências aos estímulos produzidos nas atividades das quais participaram ou ainda participam (NUNES, 2007). Por isso, as ações culturais realizadas nas instituições que frequentam são estruturantes, muito provavelmente entrando na soma do capital simbólico que vai compor a sua existência doravante. As opções de consumo cultural passam a ser um diferencial de si dentro do universo próximo de suas vidas, redundando no estímulo à responsabilidade de cada um, como destaca a fala a seguir: “a gente tem horário de ensaio, tem que aprender as músicas, tem que aprender a fazer as coisas certinhas”.

A experiência de troca com os professores ou instrutores é relatada mesmo em experiências de curta duração, como é o caso de uma jovem que participou de um curso de fotografia oferecido por um programa municipal no bairro em que morava. Ela relatou a atenção e dedicação do professor, o conhecimento exposto por ele para os alunos como incentivo para que descobrissem a própria comunidade onde cresceram como parte de suas histórias de vida, fotografando o lugar. Ela fala do tempo extra ofertado pelo professor, ao passar vários sábados com os alunos:

Aí o professor às vezes: ‘pronto, vamos no sábado?’ ele vinha no sábado por conta própria, passava bem dizer o sábado todo com a gente, explicando para a gente.

Outro participante de um grupo de teatro em um Programa governamental, também mostra a relevância do instrutor, do mestre quando diz que foi por causa da atividade teatral e do professor que melhorou nos estudos.

De igual modo, uma integrante de um projeto musical que toca saxofone, credita a oportunidade ao professor, que a convidou para participar do grupo. Ela afirma:

Ele que me incentivou e eu acho até que ele acreditou mais em mim do que eu mesma; acho que foi isso. Ele viu talento em mim que eu não (via). Até o momento dele conversar comigo eu não tinha percebido ainda.

O relato de um membro de uma banda musical da escola em que estuda, mostra como, mesmo submetido à ordem, o jovem pôde ter liberdade de ação dentro dos parâmetros estruturais existentes: antes de participar da banda musical ele possuía uma flauta doce, que começou a tocar em casa. Entretanto, ouvia de sua mãe: “menino, pare de tocar isso, joga isso fora”. Ao entrar na banda, a mãe se irritou ainda mais porque, segundo ele, “passava o dia todinho lá com a flauta”. A constituição da banda musical na escola foi determinante para a quebra de resistência, permitindo-lhe agir dentro das disposições subjetivas e das estruturas objetivas, como diz ainda o mesmo entrevistado, novamente realçando o papel fundamental do líder:

Além de estudar, todos os dias era tá no campo jogando bola [...]. Quando eu descobri a banda o professor (instrutor) disse: “meu filho, o caminho é esse”. Aí eu realmente conheci e conheci outras pessoas e eu fui tendo um espelho para mim de várias pessoas que hoje em dia... Poxa! Que legal, o pessoal chegaram e me estimularam. Aí assim quando eu comecei a tocar trombone eu disse: ‘não, agora eu quero crescer no trombone. [...] Quero ser profissional’.

Apenas a existência de uma banda musical na escola parece suficiente para atrair o desejo de jovens de participar da atividade como relatado acima. Ainda que não revele um desejo afirmativo de vir a ser músico, como fez o aluno citado anteriormente, outro jovem destaca a ampliação do universo de amizades, para além dos amigos com os quais se relaciona para jogar na internet ou os colegas de sala de aula. Ainda sem clareza sobre as suas escolhas – a prática do basquete e a participação na banda de música – e sem demonstrar ansiedade pela descoberta de outras opções de atividades culturais ou esportivas, ele soube salientar outras iniciativas da escola, como a pintura, a dança, o futebol e o voleibol.

Ora, o consumo cultural é o uso de bens ou a fruição de sons e imagens existentes num sistema social de signos. Por isso, o valor dado a um objeto se insere nos processos sociais de definição do que é de *bom* ou de *mau* gosto (ASSIS; MELO, 2010). Se o *habitus* consiste em disposições do indivíduo a um modo de conduta, a exteriorização de um conhecimento incorporado acrescido de sua prática particular, os estilos de vida dos jovens naturalmente são modificados depois que eles são expostos a ações culturais que os estimulam à leitura, à audição de música, ao desejo de refinar e avançar na vida escolar. Na perspectiva bourdieusiana, pode-se afirmar que opera nos jovens, através do *habitus*, além da reprodução de estruturas internalizadas em sua história de vida, o seu poder consciente, evidenciando suas capacidades “criadoras, ativas, inventivas, do *habitus* e do agente” (BOURDIEU, 2004, p. 61).

Num sistema de signos, os símbolos carregam um sentido integrador na sociedade. A arte, a música, a literatura têm, simbolicamente, a função social de estabelecer distinções entre os indivíduos, legitimando o contato com as expressões culturais como porta de acesso à mobilidade social (*Ibidem*). A distância e a proximidade entre a expressão cultural que se apreende e passa a integrar a vida do jovem contribui para que as mudanças em seus estilos de vida incorram em novas visões de mundo e novas perspectivas de vida, provocando anseios por uma posição social diferente daquela em que se encontrava antes de manter contato com os bens culturais ora conhecidos.

Um dos jovens participantes de programa cultural além de externalizar o desejo de ser profissional de música, já deu passos avançados neste sentido. Ante a resistência inicial da mãe, ele conversou com o pai, que o apoiou. Atualmente, além da banda da escola,

estuda no Conservatório Pernambucano de Música. Ele diz: “estudar lá é ótimo”. Antes de entrar no Conservatório o jovem teve uma experiência anterior em uma escola do bairro, onde teve contato com teatro, dança e música. Atualmente, além de integrante da banda, também se inicia como orientador de novos alunos, um efeito multiplicador evidente de sua experiência cultural.

Exemplo semelhante é o de um jovem, atualmente integrante do grupo gestor de uma biblioteca pública e que foi apenas usuário durante sete anos. Hoje com o ensino médio concluído, ele se preparava, durante a pesquisa, para ingressar na universidade, com a intenção de estudar história. Dizendo-se uma “traça” de livros, o rapaz afirmou que trabalhar ali é um lazer. Ao lado do desejo de ingressar na universidade, ele também anseia tornar-se escritor. Diz ter iniciado o sonho por estímulo da professora: “quando fui conhecendo algumas coisas da literatura com ela, foi aí que foi plantada a sementinha”.

O fato de estar diariamente na biblioteca, agora como gestor, trouxe o contato mais íntimo também com o teatro de mamulengos, atividade realizada no mesmo espaço. Esta outra experiência o levou a se interessar por expressão corporal. A mistura entre literatura e teatro trouxe frutos para a atividade desenvolvida na biblioteca, que entre as oficinas oferecidas aos jovens inclui também um misto de contação de histórias, teatro e recital de poesia.

É relevante destacar que o processo de apreensão do conhecimento ofertado não se dá de forma direta. Nos primeiros contatos com os bens culturais é natural que o jovem os receba com estranhamento e resista à ideia de abandonar certas práticas – por exemplo, trocar a internet ou a televisão pela leitura. Entretanto, o consumo regular desses objetos naturaliza a sua relação com eles: deixando de ser uma etiqueta de convivência para continuar parte do grupo, o jovem incorpora e se convence da relevância da leitura: ocorre a conversão da *atividade* cultural em *consumo* cultural. Daí decorre a terceira observação de nossa pesquisa: *a apropriação do bem ou atividade como consumo cultural*. Numa perspectiva goffmaniana, é a aquisição da máscara que se cola à face do indivíduo, passando a integrá-lo (GOFFMAN, 1975), como nos conta o depoimento a seguir:

A música teve um espaço fundamental na minha vida [...] ela preencheu um vazio que tinha. Eu tinha perdido a minha mãe recentemente. [...] O professor [...] me deu muita força [...]. A música me tranquilizou muito. Eu amadureci muito. [...]. Hoje eu só escuto músicas clássicas. [...]. Mudou o meu estilo de vida. Hoje eu só escuto música contemporânea, música clássica, barroca.

Atividade cultural na escola, lazer e divertimento em casa. Uma jovem fala que tocar saxofone é seu momento de diversão, ao sentar-se na porta de casa e tocar. A música, segundo ela, abriu o desejo de voltar à literatura, que ela havia abandonado antes de estudar música. Enfatiza que já leu Machado de Assis, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade, importantes escritores brasileiros. A jovem diz que a música abriu sua mente para outras formas de consumo cultural, como o cinema e o interesse por programas musicais na televisão.

Uma jovem integrante de uma banda marcial reconhece o quanto a música está em sua vida cotidiana, salientando que a sua capacidade de expressão com os amigos melhorou, achando-se mais capaz de “expressar o que sente”. Segundo ela, com a música “a gente não sente o tempo passar”. Também se mostrou atraída pelo balé clássico e pela ginástica rítmica. Já as declarações de outro entrevistado mostram seguramente as mudanças no consumo cultural e a incorporação do valor dado à apropriação do gosto: seu pai, diversamente da sua mãe, apoiou o desejo do filho. Ele, que afirma não imaginar aos 12 anos que aos 18 gostaria de música clássica e que ir a concertos seria o seu “lazer predileto”, relata a seguinte conversa com o pai: “Ele disse ‘meu filho, vá em frente. Comece a andar com suas próprias pernas’. Minha tia, ôxe, minha tia apoiou bastante, minha tia é professora”.

A compreensão que a família passa a ter do jovem foi destacada também por outra integrante dos programas selecionados. Além de perceber uma mudança nos atos rebeldes da filha, a mãe presta atenção quando ela não está estudando música, e questiona: “por que não tocou hoje? O professor não passou nada? Você vai tocar... não vai assistir (TV), não vai jogar dominó, vai tocar”. A jovem vê nisso incentivo da mãe, acrescentando: “(Quando) eu chego em casa com uma música pronta, que eu toco para ela, os olhinhos chegam a brilhar para mim”.

De uma forma contraditória à compreensão de Bourdieu (2007), para quem um indivíduo pode levar a vida inteira para se apropriar dos novos elementos aos quais

passa a ser exposto, nunca se sentindo verdadeiramente membro do espaço no mundo social que passa a transitar, verifica-se nos jovens pesquisados a sua capacidade de se descolar de suas origens, adaptando-se às novas opções de bens culturais de lazer e consumo. Os relatos anteriores sobre as experiências com a música são um exemplo. Uma das jovens ressalta também a realização pessoal por tocar um instrumento musical. Ela diz:

Antes desse projeto nunca passou pela minha cabeça que eu pudesse chegar perto de um [instrumento] mesmo. Mas assim também da vida muda muita coisa [...]. A responsabilidade de fazer com que todo mundo veja que as pessoas estão acreditando em você não é em vão, você tem essa responsabilidade de assim, você acredita em mim e eu tenho que provar primeiro para mim, mas para você que essa crença em mim ela é verdadeira, que não é assim, não é fútil [...]. É uma realização total.

O mesmo acontece com outro jovem apesar de ter participado de uma atividade diferente da anterior. Ele ressalta que seu primeiro contato com a biblioteca estudada se deu aos 12 anos, quando indicado por um amigo foi ao local para fazer uma pesquisa escolar. “Depois, como os trabalhos da escola diminuíram, aí eu passei a vir mais pelo interesse literário mesmo”, disse. O processo foi gradual: de início, ia três vezes por semana à biblioteca; depois, passou a frequentá-la todos os dias. Sobre a mudança operada pelo contato com a literatura, ele fala:

Mudou bastante, porque todo jovem, aí tem imaturidade, né? Tinha uma visão muito limitada das coisas. Aí através do diálogo com os gestores daqui, com o conhecimento que eu fui adquirindo, através das minhas visitas aqui, foi ampliando a minha mente e o meu conhecimento. Aí mudou muita coisa mesmo, meu conceito de vida.

Em seu relato sobre o contato com a literatura e o desejo de estudar história, outro entrevistado destaca o desejo de aprofundar o conhecimento sobre mitologia. O jovem afirma que teve contato com o assunto na biblioteca em suas incursões de leitura. E conta:

(É) um livro muito bom. Apesar de ser um livro juvenil, ele tem muitas ilustrações e tem bastante informações sobre mitologia. Todo mundo, que pega esse livro aqui fica impressionado.

Seja como consumo lúdico ou como atividade profissional, o contato com bens culturais tem influência na vida dos jovens pesquisados. Um deles de 18 anos, participou de alguns cursos de DJ<sup>9</sup>, oferecidos por um Programa municipal. Estudante do curso superior de Educação Física, ele atua como DJ e afirma ser “o que realmente gosta de fazer”. O entrevistado ressalta que muitos alunos egressos do mesmo curso hoje trabalham em boates e festas. Ele diz:

A gente bate muito nessa tecla, que é estar tirando os jovens de um caminho que às vezes não lhe traria retorno nenhum [...], e ele pega o conhecimento dele e traz para o lado profissional, se ele tem o entendimento de música, ao invés de ficar ao relento.

Em alguns casos, porém, perdura o cinismo, quando o indivíduo finge ter somado à sua vida uma prática que, na verdade, não adquiriu de fato (GOFFMAN, 1975). Foi este o caso de uma jovem entrevistada, que disse ter adquirido o gosto pela leitura dos livros do escritor Ariano Suassuna, através de sua participação no programa, afirmando ter concluído um de seus livros na noite anterior à entrevista realizada por uma pesquisadora. Perguntada sobre o título da obra, disse não se recordar. Questionada sobre outros livros do mesmo autor, também não soube citá-los. Sabendo que a sua condição como assistida pelo programa previa uma mudança, ela representou a aquisição do gosto pela leitura que parece não ter de fato se concretizado. Aqui, o livro é o elemento que dá a impressão que se deseja.

Isso confirma que, para que as políticas públicas de fato adentrem o universo dos jovens envolvidos em atividades culturais institucionalizadas, a construção da familiaridade é fundamental. Os ritos de instituição são aplicados, como legitimadores, aos jovens partícipes dessas atividades. Estes ritos compreendem estratégias de produção de interesse desses jovens para que reconheçam determinados bens culturais como passíveis de apropriação e uso (GIRARDI JR., 2007).

---

<sup>9</sup> *Disc jockey*, pessoa responsável por selecionar as músicas em festas, muitas vezes acompanhadas da exibição de vídeos.

Neste sentido, o consumo cultural torna-se o lugar para práticas distintivas, e é ainda o terreno fértil para integrar simbolicamente os indivíduos. Por isso, alguns jovens sentem próximos de outros que não vivem em sua comunidade, mas com os quais compartilham gostos, como o interesse pela música, pela leitura e o anseio de progredir intelectual e economicamente através dos estudos. Esse é o caso do depoimento de um jovem que relata o diálogo com amigos sobre a sua relação com a música:

Eles olham assim pra mim e dizem: ‘olha, tu vais endoidar com a música. Tua vida é falar em teoria musical e trombone’. Aí quando eu sento com um cara que entende... é o dia todinho conversando.

O reconhecimento pelo outro e a valorização de si também aparecem claramente nas falas. Uma estudante, diz ser “diferente” em sua família por ser a única envolvida com música. Ela relata o orgulho da avó ao vê-la em apresentações: “olha lá a minha neta, minha vó fala”. De igual modo, o relato feito por um entrevistado da biblioteca indica mais um exemplo de apropriação do bem ou atividade como consumo cultural:

Minha avó (diz): ‘Só vive com livro’. Hoje mesmo eu me acordei já para terminar um livro - A Batalha do Apocalipse. ‘Já se acorda com o livro na mão, menino? Só pensa em livro’ [...]. Falam brincando, mas com orgulho. [...] (Meus amigos) me chamam até de ‘o contador de história’.

O reconhecimento ajuda os jovens a servirem de agentes estimuladores ao contato com a arte, como diz um jovem, ao destacar que já conseguiu “levar muita gente lá pra banda”; ou, no caso de outro depoente, ao dizer que já conseguiu “formar dois meninos no meu instrumento lá no Nilo ...”. Também é o caso de um entrevistado hoje na condição de gestor. Na maioria dos casos observados, o consumo cultural funciona como agregador dos jovens, que muitas vezes passam a se reconhecer por estas práticas, mais do que pela proximidade de moradia ou os jogos de internet. É a “partilha de referências” que aproxima estes jovens, determinada pelos padrões culturais adquiridos a partir da participação em atividades desenvolvidas pelas várias instituições que frequentaram ou frequentam (NUNES, 2007).

Os exemplos apresentados mostram exatamente os distanciamentos e as aproximações decorrentes dos novos padrões adquiridos. Evidenciam também que, nem sempre, os processos socioculturais estimuladores da apropriação de bens culturais se transmutam na integração deles às suas práticas sociais cotidianas (GIRARDI JR., 2007). Esta

situação, porém, mostrou-se como exceção no conjunto dos jovens pesquisados, o que demonstra o êxito dos projetos culturais estudados.

É importante destacar que as instituições responsáveis pela execução de políticas culturais, como instâncias legitimadoras das práticas culturais, estão no centro de um embate histórico entre o campo de produção erudita e o campo da indústria cultural<sup>10</sup>. O mercado de bens culturais abarca, desde a II Guerra Mundial, a oposição consciente entre artistas da chamada alta cultura<sup>11</sup> e os produtores culturais da indústria cultural.

Seja como for, as iniciativas observadas neste estudo mostraram que, mesmo em condições adversas, a existência de ações que produzissem o contato de jovens com inúmeras expressões culturais foram marcantes para as suas histórias de vida. Neste sentido, os problemas estruturais existentes – espaços físicos precários, falta de livros ou de instrumentos musicais – somente emergem de seus discursos quando provocados. Suas narrativas são sobre as mudanças em sua visão de mundo, o papel agregador do líder – professor, mestre, instrutor – e o reconhecimento de si no espaço dos estilos de

---

<sup>10</sup> O conceito de *indústria cultural* nasceu dentro da Escola de Frankfurt, durante a II Guerra Mundial, quando estudiosos alemães se refugiaram nos Estados Unidos para fugir do nazismo. Os teóricos Max Horkheimer e Theodor Adorno construíram paralelamente às pesquisas administrativas norte-americanas o conteúdo do que depois se constituiu na Teoria Crítica. Com bases marxistas, a teoria nomeou a efervescência capitalista sobre a cultura – que crescia à época – de *indústria cultural*. Segundo eles, havia um “empacotamento” de bens como arte, a percepção da cultura como mercadoria. Para eles, a indústria cultural promovia a estandardização e sacrificava a distinção característica entre uma e outra obra de arte.

<sup>11</sup> A ideia de *alta cultura* somente faz sentido em comparação à compreensão da cultura de massa. A primeira puxa para si a condição de supremacia matricial do modelo cultural, delimitando o repertório de objetos cuja fruição contém real valor estético, uma cultura definida como de absoluta originalidade, de bom gosto e ascética, disponível a poucos eleitos; a segunda copia a primeira, numa imitação definida como *kitsch*, mas que se apresenta como invenção, novidade, sem assumir sua face de repetição, de releitura, de produto mais facilmente consumível porque realizado em linguagem mediana, com esquemas prontos que facilitam a sua compreensão, disponíveis na mídia. Fingindo-se arte (logo, original, única), é, na verdade, reprodução incestuosa de obras já anteriormente produzidas (comum na música, nas telenovelas, nos filmes hollywoodianos) (ECO, 1979).

vida, seus gostos e suas disposições alteradas após a relação construída com as expressões culturais a que tiveram acesso.

Enfim, o que havia em comum entre os jovens pesquisados era: a presença de uma liderança estimuladora, o estudo em escola pública, a existência de algum projeto ou ação cultural, mesmo em condições precárias de execução. Como diz um jovem acerca da experiência de frequentar uma biblioteca:

Aqui em Peixinhos é um berço cultural, muita gente descendente de escravos, de índios, e gostaria de saber sobre as suas origens, mas não tem nenhuma fonte, assim, de pesquisa. Acho que, aqui tem duas referências, que é o afro e o indígena. E eles vêm aqui e ficam apaixonados, eles ficam: “Poxa, eu não sabia”.

Contemporaneamente, mesmo que não se aceite mais o ideal da cultura como algo, por natureza, acessível a poucos para ser de fato de bom gosto, ainda há discursos hegemônicos que ditam o que é de bom e de mau gosto, classificação onde há “toda carga ideológica que, definindo o legítimo, o faz descaracterizando o ‘outro’, visto como a negação do bom gosto” (NUNES, 2007, p.674). Por isso, como já salientado, não há neste trabalho qualquer tentativa de classificação acerca do que os projetos executados propunham como ações culturais em si, ou seja, não se busca definir se as políticas estavam ensejando a incorporação de capitais culturais desta ou daquela ordem – de alta cultura ou de cultura de massa –, mas sim conhecer estas políticas e observar como o público atendido por elas estava incorporando o que era ofertado, a partir de suas práticas objetivadas, produzindo efeitos sobre a imagem de si, mudanças nos estilos de vida, valorização dos estudos e do acesso à informação.

O que se evidenciou claramente foi que as práticas mostraram resultados positivos, configurando-se na quarta observação nas entrevistas com os jovens: *os efeitos sobre a imagem de si, mudanças nos estilos de vida, valorização dos estudos e do acesso à informação*. O relato do jovem frequentador sobre a experiência simples e estimulante da biblioteca comprova os resultados citados:

Eu sou apaixonado por esse lugar, apaixonado por esse lugar. Eu mexo com um dos meus sonhos de consumo, que é quando eu tiver minha casa própria ter minha biblioteca, e também ter livros da minha autoria.

Outros jovens contam que a mudança resultante da atividade cultural em suas vidas não ocorreu durante a experiência. Parece que somente com o tempo a vivência começa a refletir e produzir novas compreensões sobre o que podem mudar em suas trajetórias. Esse é o caso de uma entrevistada que participou de um curso de fotografia, atividade integrante de um programa governamental. Embora afirme que o curso teve resultados de natureza pessoal, a entrevistada salientou que observa o mundo diferente: coisas que antes considerava irrelevantes ganham sentido sob o enfoque do estudo da imagem. Ela diz que está “encontrando a resposta agora” para pensar em novos projetos de vida, reconhecendo que “você tem que acordar: a gente aprende que até um cesto de lixo vale alguma coisa. Então, para mim, mudou isso: a visão com que eu vejo as coisas”.

Um participante de um grupo de teatro destaca como o esforço nos ensaios mudou a sua vida: “Depois do teatro todo mundo percebeu que eu fiquei melhor nas aulas, prestando mais atenção [...]. (Estou) querendo descobrir mais coisas”.

Outro jovem enfatiza a revisão que fez do seu espaço social, depois de participar de oficinas de DJ:

(Eu) era daquele tipo de pessoa, que eu tirava sarro da própria comunidade que eu morava, não dava valor [...]. Depois da oficina, que quando a gente teve esse acesso cultural ao Multicultural e ao grupo de cultura, que a gente está junto, a gente passou realmente a ver o que a comunidade tem de fato de bom, a cultura, a história que ela tem [...]. A gente trabalha com música dentro da comunidade e hoje estou dando palestras sobre drogas dentro da própria comunidade.

A transformação na vida dos jovens pesquisados também se mostrou evidente nos casos em que o tempo e o contato com os orientadores, animadores, professores ou gestores ganhavam significância por discursos que estimulavam novos conhecimentos e indicavam a importância da disciplina para o alcance de objetivos. No relato dos jovens está presente a compreensão de que houve “aumento de concentração”, de “capacidade de raciocínio lógico”, de “coordenação motora” e de “socialização”. Uma participante de um programa que desperta o dom da música em jovens de periferia fala de “sensibilidade musical” e de “responsabilidade”. Ela é enfática ao falar do futuro:

Eu espero um dia me tornar uma grande saxofonista, e poder dizer que foi aqui que tudo começou. Eu tenho muito orgulho, porque a gente vive em uma comunidade onde nossas coisas estão completamente

inacessíveis. As pessoas não têm acesso à cultura, as pessoas não têm acesso à educação, as pessoas não têm acesso a praticamente nada [...]. Eu não estou aqui ocupando o lugar de uma pessoa não, eu estou ocupando o meu lugar mesmo. Eu estou no lugar certo.

Como ela, outra integrante do mesmo grupo musical, de 20 anos, destaca o quanto a música interferiu em sua vida. Tocando clarinete desde os 17 anos, ela diz ter melhorado muito nos estudos de matemática e física. Para ela, o aprendizado da música foi um divisor de águas; ela passou a ser respeitada por outros jovens que a admiram por tocar em um grupo musical e vê seu sonho de aprender música cada vez mais sendo realizado. E a jovem diz: “Eu não quero parar de estudar música. Quando a gente gosta”...

No cerne desses discursos, uma visão de si no espaço dos estilos de vida fundada no contato com expressões culturais que não estavam na origem de suas histórias de vida, mas que agora fundamentam seu *habitus*: novas visões de mundo, melhoria sensível da autoestima, desejo de concluir os estudos e de construir destinos diferentes dos seus antecessores. Assim, à pergunta “*como fazer os projetos de políticas culturais darem certo?*”, dois elementos fundamentais para o seu sucesso podem ser destacados: o planejamento de um projeto ou ação cultural, mesmo em condições precárias de execução; e a presença de uma liderança estimuladora e agregadora – professor, mestre, instrutor, gestor. Pode-se resumir o esquema observado no estudo conforme o quadro a seguir:

#### **Políticas culturais: processo e resultados**

<b>Detonadores do processo</b>	<b>Existência do projeto de ação cultural</b>	<b>O papel agregador do líder: professores, mestres, instrutores, gestores</b>
<b>Processo</b>	<b>Integração dos jovens nas atividades culturais</b>	<b>Conversão da <i>atividade</i> cultural em <i>consumo</i> cultural</b>
<b>Percepções</b>	<b>Mudanças nas disposições dos jovens – práticas de consumo cultural</b>	<b>Identidade – reconhecimento, cidadania, projetos de vida</b>

Cada jovem detém um conjunto de disposições adquiridas em seu contexto de vida particular, absorvendo e externalizando as ações que vão acontecendo em seu espaço social. Se neste espaço, ações culturais se desenvolvem e são geridas por professores ou lideranças envolventes, os jovens são atraídos e passam a conviver com expressões culturais que antes não estavam no seu cenário de vida. A consequência disso é a ampliação das opções de consumo cultural, a partir do conhecimento da diversidade de bens culturais existentes, e a apropriação de novas práticas passa a ser um diferencial de si dentro do universo próximo de suas vidas, redundando na elevação da autoestima de cada um. O reconhecimento de si no espaço dos estilos de vida, seus gostos e suas disposições alteradas após a relação construída com as expressões culturais a que tiveram acesso são a chave de acesso para a construção de novos objetivos.

#### **4.4. Mudanças: visão de mundo e novas perspectivas de vida**

A pesquisa “Juventudes, consumo cultural e políticas públicas” foi planejada com o objetivo de identificar a repercussão de programas e ações culturais governamentais na vida dos seus jovens usuários. Perguntou-se aos jovens se eles perceberam alguma mudança após a participação nas atividades em que estavam inseridos. No caso de respostas positivas perguntava-se então: o que mudou?

As respostas dadas pelos jovens ao longo das entrevistas permitiram verificar que:

- a) **Houve uma maior inserção social.** A grande maioria dos jovens entrevistados são membros de famílias que possuem uma baixa renda, o que dificulta o acesso a bens culturais e ao lazer, já que esses não são percebidos como bens de primeira necessidade. A situação de vulnerabilidade em que vivem as famílias faz com que a frequência a certos espaços seja problemática devido à carência econômica que muitas vezes impede até o deslocamento de um local a outro.

A presença de algumas ações ou projetos culturais propicia aos jovens essa participação, embora, na maioria das vezes, ainda de forma bastante incipiente. No entanto, o fato de estarem fazendo parte de um grupo, que é institucionalizado, faz com que sintam-se inseridos na sociedade e se reconheçam como cidadãos. Tal inserção é muitas vezes expressa com palavras que indicam a saída da rua, do mundo das drogas e da marginalidade. Como diz um jovem:

[...] se você não tem com que se ocupar, você vai procurar alguma coisa; e em comunidades carentes o que você encontra para se ocupar é jogo de pelada, drogas, bebidas e prostituição. É o que o jovem procura e o que ele acha primeiro pra se ocupar; ele acha que é o certo, ele corre, pega, agarra e fica com aquela idéia na cabeça. [...] A importância do programa para mim foi que eu mudei 100% porque eu não tinha modos de falar não. O que me dava na telha eu falava e até magoava certas pessoas.

Esse foi um tipo de depoimento que se repetiu em várias ocasiões, muitas vezes repleto de emoções. Outras vezes, o silêncio falou mais que as próprias palavras. Sabe-se, no entanto, que não é preciso ações muito sofisticadas para incentivar o jovem a participar da vida social. Um fator importante é ocupar o seu tempo livre com algo que traga prazer. Como diz Gebara (2002, p.85), a função do lazer [...] não é liberar tensões compensatórias e sim restaurar tensões agradáveis e desrotinizadas, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida.

Quando se perguntou a uma jovem que classificou o bairro em que habita como “muito perigoso”, o que ela fazia no seu tempo livre, ela respondeu: “tocar”. E além disso? questionou o entrevistador. E a resposta foi: “Eu gosto de cantar, porque a gente tem aula de canto”. E completou durante a continuação da entrevista: “Eu acho que a música agora é tudo para mim, porque é uma chance que eu tenho de crescer na vida. Posso viajar para outros países, conhecer outros países. Vai ser tudo, tudo para mim”.

**b) Os jovens se dizem mais disciplinados e mais responsáveis.** A participação em programas culturais exige por parte de seus coordenadores o respeito às regras estabelecidas e um compromisso com as pessoas e os programas. Trata-se, na verdade, de projetos educativos, uma vez que os oficinairos, professores e gestores contribuem fortemente para a formação dos jovens, transmitindo-lhes não só conhecimento, mas também ouvindo, orientando e apoiando aqueles que estão sob sua responsabilidade.

Referindo-se a um programa do qual participava uma jovem falou:

Eu acho ele importante assim, pelo menos na minha vida e eu acho na vida de muitas outras pessoas também. Porque assim, querendo ou não ele tira pessoas da rua, que querendo ou não estavam entrando em alguma coisa errada. Que não sabiam ao certo o que queriam fazer [...]. Eu acho que a banda ajuda, porque ocupa o nosso tempo, ocupa a mente. [...] De certa forma traz uma certa responsabilidade. A gente tem horário de ensaio, tem que aprender as músicas, tem que aprender as coisas certinhas.

c) **Melhorou a autoestima.** Esse aspecto é importante na vida dos jovens. Identificou-se, pelos relatos obtidos nas entrevistas, uma mudança de percepção dos jovens, pela comunidade onde vivem. Uma jovem participante de um programa ligado à atividade musical diz em um trecho de sua entrevista que “o povo me admira agora [...] estou mais inteligente, a gente aprende mais”. Quando se perguntou se ela mudou após a entrada no programa ela respondeu: “estou mais metidinha”.

d) **Os jovens passam a ser mais sociáveis ampliando sua rede de relações.** Os relacionamentos se dão não só através das relações face a face, mas também através dos meios eletrônicos. É interessante notar que a oportunidade de estar participando de um grupo faz com que muitos jovens saiam do casulo e interajam mais frequentemente com os outros.

Há ainda aqueles que ficam mais seletivos em relação aos relacionamentos e dizem que cultivam amizades, sobretudo, com pessoas, algumas delas já profissionais, que possuem as mesmas afinidades, sobretudo musicais.

e) **Mudança nos gostos e estilos de vida**

Conforme já relatado anteriormente, a experiência vivenciada pelos jovens em cursos e oficinas, principalmente os relacionados com a música, fez com que eles se apropriassem de gostos diferentes daqueles que possuíam antes de tocar algum instrumento musical.

Quando eu estou tocando na orquestra (Orquestra Sinfônica Jovem) [...] e a gente está junto com o grupo também, [...] eu chego a ficar arrepiado, [...] às vezes eu sinto mesmo aquela emoção coletiva.

A música teve um papel fundamental em minha vida. A música me tranquilizou muito. Eu amadureci. Hoje só escuto música clássica. Mudou meu estilo de vida. Hoje só escuto música contemporânea, clássica, barroca.

f) **Reapropriação de elementos culturais.** Ampliou-se a forma de compreender a cultura e suas manifestações em consequência da participação em programas culturais. Para muitos, devido a influências religiosas, as manifestações culturais ligadas à percussão eram mal-vistas. Isso pode ser percebido em uma fala de um jovem que assim se expressou: “Antigamente, quando não conhecia, escutava uma música dessas e fazia ‘isso é macumba’. Hoje eu entendo que isso é cultura, que faz parte da cultura”. Então o

que se percebe é que, em geral, a visão de mundo dos jovens está muito relacionada ao conhecimento que ele foi capaz de aceder. A partir do momento em que o leque de possibilidades se abre, amplia-se a percepção de mundo deixando de lado preconceitos e posicionamentos radicais unilaterais.

g) **Novas perspectivas de vida:** os jovens das camadas populares não têm, em geral, muitas oportunidades de escolhas em suas trajetórias de vida. Isso porque, a posse do capital econômico, que é escasso, dificulta o investimento em capital cultural. Para os jovens participantes de políticas públicas direcionadas à cultura que se dedicam verdadeiramente às atividades propostas abrem-se novas possibilidades de caminhos a serem percorridos.

Quando eu descobri a banda, o professor disse: Meu filho o caminho é esse. Aí realmente eu conheci e conheci outras pessoas e eu fui tendo um espelho para mim [...] Que legal o pessoal chegava e me estimulava. Aí, assim, quando eu comecei a tocar trombone eu disse: agora eu quero crescer no trombone. Quero ser profissional. Meu pai me apoiou e também uma tia que é professora.

É preciso, no entanto, ressaltar que as possibilidades de sucesso do jovem não dependem dele, apenas. Percebeu-se, na pesquisa, pelos depoimentos coletados, que os cursos ou atividades de curta duração não repercutem tanto na vida dos jovens. As marcas deixadas foram muito tênues e muitas vezes quase que se apagaram da memória dos entrevistados, principalmente em termos do conteúdo apresentado. Os jovens, porém, não esquecem a atenção e dedicação de professores, coordenadores e oficinairos, que mesmo com poucos recursos, esforçam-se ao máximo para dar sua contribuição aos que os procuram.

h) **Redefinição da identidade:** O conhecimento da própria identidade é um processo difícil para o jovem que ainda não é adulto e que, na percepção de muitos, não deixou de ser criança. Tal fato é também agravado pelo contexto social em que está inserido, uma vez que a identidade é constituída tanto por experiências passadas, embasadas em valores e normas – podendo ser claramente apreendidas através do conceito de *habitus* de Bourdieu – , quanto pelo contato com o novo, que chega através dos meios de comunicação ou através da convivência com pessoas que servem, muitas vezes, de espelho ou referência. Portanto, a maneira como as pessoas constroem sua identidade decorre não somente de condições objetivas, mas também, do ser percebido por si

mesmo ou pelos outros. Verifica-se que, nos grupos de jovens entrevistados, a construção ou redefinição da identidade se dá no processo relacional, na interação com o outro que se dá nos espaços de sociabilidade, que podem ser a casa, a rua, a comunidade, ou o lugar em que participam dos programas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A partir da pesquisa realizada com jovens dos municípios do Recife, Jaboatão dos Guararapes e Olinda, participantes de Programas Governamentais voltados para a cultura, foi possível tecer algumas considerações finais em resposta à principal questão que norteou este estudo: qual a repercussão das políticas culturais na vida dos jovens com idades entre 15 e 29 anos?

O levantamento das ações e políticas culturais voltadas para a categoria eleita como constituinte do universo da pesquisa demonstrou a sua escassez, apesar de sua importância, pelo fato de os jovens de ambos os sexos participantes dos Programas oferecidos pelo Estado serem, na sua quase totalidade, oriundos de famílias de baixa renda. O espaço em que o jovem entrevistado da periferia habita é, muitas vezes, um *não lugar*, no sentido de que não há possibilidade de identificação, pois é estigmatizado devido à presença marcante da violência, da pobreza, da habitação precária.

As questões colocadas aos entrevistados selecionados por participarem de algum programa ou ação cultural promovidos pelo governo, seja na esfera federal, estadual ou municipal, permitiram conhecer o seu cotidiano, as ações desenvolvidas no programa e as mudanças ocorridas em suas vidas decorrentes do acesso a uma atividade cultural.

Percebeu-se, também, que a participação dos jovens nessas atividades se configura como uma ação dual em que se mesclam o lazer e as oportunidades de escolhas, advindas do conteúdo oferecido, que ora se apresenta no seu aspecto lúdico e ao mesmo tempo realça talentos.

Seja como for, as iniciativas observadas neste estudo mostraram que, mesmo em condições adversas, a existência de ações que promoveram o contato de jovens com inúmeras expressões culturais foram marcantes para as suas histórias de vida. Neste sentido, os problemas estruturais existentes – espaços físicos precários, falta de livros ou de instrumentos musicais – somente emergem de seus discursos quando provocados.

Suas narrativas são sobre as mudanças em sua visão de mundo, o papel agregador do líder – professor, mestre, instrutor – e o reconhecimento de si no espaço dos estilos de vida, seus gostos e suas disposições alteradas após a relação construída com as expressões culturais a que tiveram acesso.

Para embasar as análises das falas dos jovens entrevistados, tomou-se como referência, sobretudo, a teoria de Pierre Bourdieu com ênfase nos conceitos de *habitus*, *gosto*, capital social e capital econômico, assim como os de representação social e identidade.

O *habitus*, enquanto sistema de disposições duradouras faz parte do processo de socialização. Esse conceito, central em sua teoria, foi uma ferramenta útil para explicar como o espaço social age sobre os indivíduos na esfera cultural e nas formas de apropriação da cultura e da identidade, através do aspecto simbólico do consumo. O *gosto*, também vinculado ao *habitus*, revela as diferenças que se observa no domínio do consumo. Bourdieu faz a distinção entre dois tipos de *gosto*: *o gosto de luxo ou de liberdade*, assegurado àqueles que detêm a posse do capital, sobretudo o econômico, e o *gosto de necessidade*, característico daqueles que passam por situações de privação de toda sorte. Para os que não acumularam o capital econômico e o cultural, como é o caso dos jovens das comunidades carentes entrevistados, restam poucas possibilidades de fazer aquilo que gostam ou gostariam de fazer. O que eles consomem é o que é possível consumir ofertado, muitas vezes, por programas governamentais.

Importante foi registrar o contentamento de muitos jovens ante a descoberta do novo, que se traduziu muitas vezes no desabrochar de uma vocação latente, que precisava de um estímulo para crescer e se realizar enquanto cidadão.

Não se pode esquecer que todo esse processo é educativo e, que por este motivo, são questionadas as atividades realizadas em períodos curtos de tempo ou mesmo esporádicas, as quais, muito provavelmente, não levariam a resultados positivos sobre o cotidiano dos jovens.

A análise, portanto, das entrevistas, demonstrou uma necessidade premente de mais investimentos na juventude, comprovadas pelas mudanças positivas detectadas na vida dos jovens.

## REFERÊNCIAS

ABAD, M. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Última década**. Viña Del Mar, CIDPA, n.16, 2002, p.119-155.

ABRAMO, H. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

ACCARDO, A. **Initiation a la sociologie**. Bordeaux: Le Mascaret, 1991.

ACESSO À CULTURA NO BRASIL. Disponível em: <<http://www.unesco.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

BAECLHER, J. Grupos e sociabilidade. In: BOUDON, R. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ALENCAR, A. L. H. **Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea**. Recife: Massangana, 2008.

ALENCAR, A. L. H.; OLIVEIRA, C. de F. G.; MELO, P. B. de; GUIMARÃES, S. M. P. **Juventudes, consumo cultural e políticas públicas** (Projeto de pesquisa). Recife: Fundaj, 2010.

ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Conexões**. Campinas, v.2, n.1, 2004, p. 48-62.

APPADURAI, A. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. Cambridge: University Press, 1986.

ARRUDA, M. A. do N. A política cultural: regulação estatal e mecenato privado. **Tempo social**. São Paulo, v. 15, n. 2, nov. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 out. 2009.

ASSIS, R. V; MELO, P. B. **Pensando o sujeito moderno: um diálogo teórico entre Pierre Bourdieu e Stuart Hall**. In: XII Encontro de Ciências Sociais, 2010, Recife: UFPE, 2010.

- ÁVILA, C. M. (coord.). **Gestão de Projetos Sociais**. São Paulo: AAPCS – Associação de apoio ao programa capacitação solidária. 3ªed.rev. 2001. (Coleção Gestores Sociais).
- BARBOSA, F.; ARAÚJO, H. Juventude e cultura. In: CASTRO, Jorge Abrahão de et al. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 221-242.
- BASSO, C.M; MAQUES, J.T. **Buscando a Construção e (RE) Construção da Práxis Pedagógica**. Paraná: São Miguel de Iguaçu, Uniguaçu/Faesi, 1999. Disponível em: <<http://www.faesi.com.br/index.php>> Acesso em: 15 abr. 2013.
- BOTELHO, I. **As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas**. São Paulo em Perspectiva, v. 15, n. 2, abr/jun 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. **Les jeunes et le premier emploi**. Paris: Association des Ages, 1978. (Entrevista a Anne-Marie Métaillé).
- \_\_\_\_\_. **Le sens pratique**. Paris: Minuit, 1980.
- \_\_\_\_\_. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.
- \_\_\_\_\_. (org). **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Poder, derecho y classes sociales**. Bilbao: Desclée, 2001.
- \_\_\_\_\_. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979/2002.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil: proposta para a formação integral da criança**. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora FRJ, 2007.

CARVALHO, M. do C. B. Gestão Social: alguns apontamentos para o debate. In: RICO, E. de M.; DEGENSZAJN, R. R. (orgs.). **Gestão Social: uma questão em debate**. São Paulo: EDUC; IEE, 1999, p.19-30.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. (orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Texto para discussão n. 1335. Brasília: Ipea, 2008.

CERTEAU, M. DE et al. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARTIER, R. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi**, 2000, p.139-182.

COMISSÃO Nacional de Pontos de Cultura – CNPDC. Carta de Pirenópolis. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2011/02/03/pontos-de-cultura-12/>>. Acesso em: 06 ago. 2012.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 24, set/dez 2003.

DOMINGUES. J. M. **Sociologia e modernidade: para entender a sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. Para uma Teoria das Gerações. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia: Teoria e Pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004a, p. 111-139.

\_\_\_\_\_. Estruturismo e estruturação: Bourdieu e Giddens. In: \_\_\_\_\_. **Teorias Sociológicas no Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b, p. 55-69.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **The world of goods**. Towards an anthropology of consumption. London: Routledge, 1996.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p 215-235.

ECO, H. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ERIKSON, E.H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972.

ESCOTEGUY, A.C.D. Os estudos culturais e a constituição de sua identidade. In: GUARESCHI, N.M. de F.; BRUSCHI, M. E. (orgs.) In: **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis, R.J: Vozes, 2003, p. 51-74.

FEATHERSTONE, M. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000, p. 47-112.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIRARDI JR., L. **Pierre Bourdieu: questões de Sociologia e Comunicação**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GONZALES, Z.K.; GUARESCHI, N.M. de F. Discurso sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. Brasil. In: **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais**. Universidad de Manizales y El Cinde, v. 6, n.2, p. 463-484, jul/dez 2008.

GUIMARÃES, S. M. P.; ALENCAR, A. L. H. **Políticas Públicas, Cultura e Juventude**. In: Anais do 15º Encontro de Ciências Sociais de Ciências Sociais Norte/Nordeste (CISO) e Pré Alas Brasil. Terezina, Piauí, 2012. ISSN 2176-2368. Disponível em [www.sinteseeventoes.com.br/ciso/anaisxvciso](http://www.sinteseeventoes.com.br/ciso/anaisxvciso)

GUIMARÃES, S. M. P.; ALENCAR, A. L. H.. **Cultura e Música: instrumentos de transformação da juventude da periferia**. Porto: VII Congresso Português de Sociologia, vol.1, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HENRIQUES, E. B. Novos desafios e orientações das políticas culturais: tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português. **Finis Terra**, XXXVII, 73, 2002, p. 61-80. Disponível em: <[www.ceg.ol.pt/finisterra/numeros/2002-73\\_03](http://www.ceg.ol.pt/finisterra/numeros/2002-73_03)>. Acesso em: 01 out. 2009.

INDA, A. G. Introduction. La razón del derecho: entre habitus y campo. In: BOURDIEU, P. Poder, derecho y classes sociales. Bilbao: Desclée, 2001.

JOVENS concluem curso de música do conservatório. Grupo faz parte do projeto Orquestrando Pernambuco. Disponível em: <[http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/12/01\\_12\\_2012/0032.html](http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/12/01_12_2012/0032.html)>. Acesso em: 12 mar. 2013.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Re (des) cobrindo o outro. Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A (org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p.69-82.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MATO, D. Los “estudios de la cultura” pueden y deben salir del ghetto. **Políticas Culturais em Revista**, v.1, n.1, 2008, p.129-151. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3195/2305>>. Acesso em: 01 out. 2009.

MELO, P. B. **Histórias que a mídia conta**: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo. Recife: Editora UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_; ASSIS, R.V. **Consumo, juventude e crime**: debate teórico por uma confluência possível. In: XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Montevideu: Asociación Latinoamericana de Investigadores en Comunicación (Alaic), 2012, p. 01-25.

MELLO, J. M. C de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, F. A.; SCHWAARCZ, L. M. (orgs.) **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, v.4, 1998.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. RS: Editora Unisinos, 2004.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

NUNES, B. F. Consumo e identidade no meio juvenil: considerações a partir de uma área popular do Distrito Federal. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 22, n. 3, p. 647-678, set/dez 2007.

OLIVEIRA, C. de F. G. de. **Cúmplices na sobrevivência**: ONGs populares e infância desassistida. Recife: Massangana, 2001.

ORTIZ, R. **Cultura e Desenvolvimento**. Políticas Culturais em Revista. Salvador, 1(1), 2008, p. 122-128. Disponível em: <[www.politicasculturaisemrevista.ufba.br](http://www.politicasculturaisemrevista.ufba.br)>. Acesso em: 10 set. 2012.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social** v.25 (105-106), 1990, p.139-165.

PEC da Juventude. Disponível em [www.secretariageral.gov.br/juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/PEC](http://www.secretariageral.gov.br/juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/PEC). Acesso em out.2012.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, mai/a/dez, 1997, p. 14-24. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a03.pdf>. Acesso em 2011.

Pontos de Cultura. MinC dá início ao processo de aperfeiçoamento do Programa Cultura Viva. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2011/12/15/pontos-de-cultura-18/>>. Acesso em: 06 ago. 2012.

Pontos de Cultura de Pernambuco. Disponível em: <<http://diretodosmanguezais.blogspot.com.br/p/pontos-de-cultura-de-pernambuco.html>>. Acesso em: 03 out. 2012.

Pontos de Cultura. Representantes da CNPdC discutem com MinC a Carta de Sustentabilidade dos Pontos de Cultura. Disponível em:

<<http://www.cultura.gov.br/site/2011/02/03/pontos-de-cultura-12/>>. Acesso em: 06 ago. 2012.

Programa Multicultural. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/projetos-e-aco-es/projetos/programa-multicultural/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: **Lazer numa sociedade globalizada: leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000, p.179-184.

ROMANELLI, G. Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento. **Revista Aprendizagem**. Pinhais, n.14, 2009, p.24-25.

ROSA, N. S. S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SALLAS A.L.F; BEGA, M.T.S. Por uma sociologia da juventude – releituras contemporâneas. **Política & Sociedade**, 2006, (8), p. 31-58.

SANTOS, M. Lazer popular e geração de empregos. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a Globalized society**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000, p.31-37.

Seleção de instituição para implantação de ações de animação cultural em 30 escolas públicas municipais de Jaboatão dos Guararapes. Disponível em: <[http://sedes.jaboatao.pe.gov.br/termo\\_de\\_referencia.pdf](http://sedes.jaboatao.pe.gov.br/termo_de_referencia.pdf)>, p. 2. Acesso em: 12 set. 2012.

SILVA, E. R. A. da; ANDRADE, C. C. A Política Nacional de Juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, J. A. de et al. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p.41-69.

SIMMEL, G. **Sociologie et épistemologie**. Paris: PUF, 1991.

SPOSITO, M. P. et al. Juventude e poder local: um balanço de iniciativas públicas voltadas para jovens em municípios de regiões metropolitanas. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v.II, n.32, p.238-257, maio/ago 2006.

\_\_\_\_\_; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p.16-39, set/dez 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2009.

VILA NOVA, S. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2004.

VIVA LEITURA. 2005. ANO IBERO-AMERICANO DA LEITURA. Disponível em:  
<<http://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>>. Acesso em: 28 set. 2010.

Disponível em: <<http://www.jaboataoprojovemadolescente.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

## ANEXOS

### ANEXO I

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O JOVEM PARTICIPANTE DOS PROGRAMAS CULTURAIS

(Faixa etária: 15 a 29 anos)

Programa/Projeto(nome)Local/Início do Programa(data)

#### IDENTIFICAÇÃO/PERFIL

- Nome/Telefone/ E mail/Idade/Sexo/Escolaridade
- Local de residência: próximo/longe do programa (tempo de deslocamento/forma de deslocamento) Bairro/cidade
- Casa própria/cedida/alugada
- Tamanho da família (nº de residentes) e composição familiar: mãe; pai; avô;avó; irmão; mulher; marido etc.
- Escolaridade dos pais/responsáveis
- Ocupação dos pais
- Situação conjugal com filhos/sem filhos
- Situação ocupacional: só estuda // estuda e trabalha // só trabalha
- Se estuda, onde (bairro,cidade)
- Se trabalha, tipo de ocupação/ emprego formal (carteira assinada) local: bairro/cidade
- Se remunerado: fixo // eventual
- Quanto? Menos de 1 SM  
De 1 SM até 1 ½ SM  
De 1 ½ até 2 SM

+ 2 SM

- Renda familiar (mensal? Semanal?). A DISCUTIR

### **DIVERSÃO/LAZER**

- Festas/dança - local
- Jogos no computador- local
- Jogos com amigos (dominó, baralho...) local
- Futebol (assistir e/ou jogar) local
- Cinema na TV (vídeo) e fora da TV local
- TV (programas preferidos): novelas//noticiários// documentários//esporte//filme
- Internet/redes sociais
- Igreja (missa, culto, encontro de jovens...)
- Conversa na rua/na praça/parques
- Passeio no shopping
- Praia
- Teatro
- Museu
- Frequência com que se dedica a todos os itens de lazer enumerados (diária, semanal, quinzenal, mensal, eventual)
- Outras formas...

### **PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA CULTURAL**

- Qual o programa que participa?
- Há quanto tempo está no programa?
- Recebe bolsa/auxílio financeiro/ajuda de custo?

- Como tomou conhecimento do programa?
- Qual a principal motivação para participar desse programa?
- Em que atividade você participa?
- Onde são realizadas as atividades?
- Frequência às atividades (semanal/ quinzenal/ mensal...)
- Como você avalia sua participação nessas atividades?
- Depois de você entrar para esse programa como você se sente: com você mesmo; com sua família; com seus colegas; com sua comunidade?
- Qual o significado dessa participação para você?
- Você enfrenta alguma(s) dificuldade(s) na sua participação no programa?
- Você percebe alguma mudança em você, ou na forma de olhar e se relacionar com os outros?
- Você acha importante a participação dos jovens nesse programa?
- Qual a relação entre cultura e educação (sua participação no programa cultural melhorou o seu aprendizado na escola)?
- Que avaliação você faz do programa?
- Quais os pontos positivos e negativos desse programa ou ação?
- É possível intervir no programa, fazer sugestões para mudança/melhoria da ação?
- Hoje desenvolve alguma atividade que aprendeu no Programa?
- Além dessa atividade o que mais você faz no seu tempo livre e de lazer; que lugares você frequenta?

## **MUDANÇAS**

- Consumo cultural- o que se significa a prática dessas atividades culturais para você?
- Antes de participar das atividades o que fazia para se divertir (a ocupação do tempo livre)?
- Importância em sua vida - aumentou o círculo de amizades, ampliou conhecimento, diversificou o consumo cultural, influenciou na escolha profissional/cursos?
- Relação com a comunidade - melhorou o convívio com os moradores, participa de grupo de jovens, associação de moradores, clube de mães?
- Desenvolve trabalhos na comunidade (exibição de espetáculos, teatro, música...)
- Nova visão de mundo (outra estética visual, valorização de costumes/hábitos culturais...)?
- Construção de identidade - se sente mais valorizado, gosta mais de algum tipo de música ou dança, percebe que faz parte de uma comunidade rica em termos culturais etc.?
- Inclusão social (sentir-se inserido, fazendo parte, cidadão)
- Depois que passou a participar da ação, você sente vontade de participar/conhecer outras atividades culturais?
- A vida antes e depois do Programa (descrever)

## **ANEXO II**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA GESTORES E ENVOLVIDOS COM OS PROGRAMAS CULTURAIS GOVERNAMENTAIS**

Programa (nome)/ Local/Início do programa(data)

Nome do entrevistado (a)

Função, cargo, atribuição na entidade

Há quanto tempo está na atividade e/ou programa

Telefone/E-mail

Como nasceu o programa e/ou a atividade

- Qual o objetivo do programa?
- Qual o ano de início do programa e/ou atividade?
- Como está organizado (a) o programa e/ou a atividade?
- Quais as ações desenvolvidas pelo programa e/ou atividade?
- Quem participa do programa e/ou atividade?
- Quantas escolas/instituições/grupos/comunidades são atendidos pela ação?
- Além do público diretamente atendido pelas ações do programa e/ou atividade, quais as pessoas beneficiadas indiretamente?
- As comunidades no entorno consideram o programa e/ou atividade importante ou acham irrelevante?
- Quais as comunidades mais participativas?
- De quem é a gestão do (a) programa e/ou atividade?
- Os recursos são municipais ou têm outra fonte?
- O programa e/ou atividade tem parcerias com outras instituições, se sim, quais?
- Como são planejadas as ações
- Como se dá a divulgação do programa e/ou atividade?
- Onde são realizadas as atividades?
- Qual o horário de realização das atividades?
- Qual a carga horária de cada atividade?
- Como é feita a seleção dos jovens e quais os critérios utilizados?
- Quais as ações que mais atraem os jovens?

- Como se dá a participação e a frequência dos jovens e a questão da evasão?
- São feitas avaliações?
- O monitoramento e a avaliação desses jovens são feitos durante as atividades?
- Depois que as atividades são concluídas o programa promove algum evento para apresentação das atividades desenvolvidas pelos jovens?
- Observa-se alguma transformação nos jovens envolvidos? (relato de experiências bem sucedidas).
- Qual o destino dos produtos resultantes da atividade? (quando se aplicar).
- Quantas pessoas trabalham no espaço? Quem são e como são capacitados?
- Há voluntários? Quantos?
- Existe planos para ampliação do (a) programa e/ou atividade ou para criação de novas ações?
- Do início do (a) programa e/ou atividade até hoje, você tem condições de informar o número de jovens que foram atendidos?
- É possível ter acesso a estes jovens, existe um cadastro com endereço?
- Existe algum documento elaborado sobre o (a) programa e/ou atividade?
- Há algo que gostaria de acrescentar ou esclarecer?